

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

COELHO (FRAJOLA), Flávio Martins . Flávio Martins Coelho (Frajola) (depoimento, 2010). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (3h 20min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS (FGV). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Flávio Martins Coelho (Frajola)
(depoimento, 2010)**

Rio de Janeiro

2020

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador(es): Bernardo Buarque de Hollanda; Jimmy Medeiros; Klécia Renata de Oliveira Batista; Rosana da Câmara Teixeira;

Levantamento de dados: Bernardo Borges Buarque de Hollanda;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Bernardo Borges Buarque de Hollanda;

Técnico de gravação: Bernardo de Paola Bortolotti Faria; Marco Dreer Buarque;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 20/08/2010

Duração: 3h 20min

Arquivo digital - áudio: 4; Arquivo digital - vídeo: 4; MiniDV: 4;

Entrevista realizada no contexto do projeto pessoal do pesquisador Bernardo Buarque de Hollanda intitulado "Torcidas organizadas: criando fontes", que tem como objetivo constituir um banco de entrevistas de história oral acerca das torcidas organizadas nos âmbitos nacional e internacional.

Temas: Atividade profissional; Club de Regatas Vasco da Gama; Clube de Regatas do Flamengo; Esportes; Estádio Jornalista Mário Filho (Maracanã); Eventos e comemorações esportivas; Família; Fluminense Football Club; Formação acadêmica; Material audiovisual; Partido Socialista Brasileiro - PSB; Polícia; Torcidas de futebol; Viagens e visitas; Violência

Sumário

Entrevista: 20.08.2010

Arquivo 1: Origens familiares; a torcida de sua mãe pelo Fluminense; o primeiro trabalho no Tribunal de Justiça; os cursos de audiovisual realizados; a graduação em Produção de Cinema e TV na Universidade Estácio de Sá; a mudança para o Rio de Janeiro e as experiências profissionais; o samba-enredo da Acadêmicos da Rocinha em homenagem ao centenário do Fluminense, em 2003; o início do relacionamento com a sua esposa; a participação de sua esposa na torcida dos jogos do Fluminense; a participação na campanha política da deputada estadual Magaly Machado do Partido Socialista Brasileiro (PSB); a criação da Flusócio; as produções audiovisuais da torcida fluminense; a trajetória do entrevistado na torcida; a participação nos jogos de futebol em Niterói durante sua adolescência; o contato com o núcleo de Niterói da Young Flu; o cargo de diretor da Young Flu de Niterói; a rivalidade com a Raça Rubro-Negra em Niterói; reflexões sobre a gestão da Young Flu; a questão da imprensa nas torcidas; as eleições dos cargos da Young; a criação da sede da Young Flu no Méier, em 2002; a questão dos materiais das diversas torcidas do Fluminense; a questão da escolta policial para a torcida; a participação dos sócios do clube; a questão dos custos da torcida; a composição da diretoria da Young Flu e a relação com a diretoria do time.

Arquivo 2: A relação da Young Flu com o Fluminense; as rivalidades entre Young Flu e Força Flu na década de 1990; a cobrança de responsabilidade da torcida; a questão da violência nas torcidas; reflexões sobre o processo de elitização do estádio; o surgimento da Legião Tricolor; as dificuldades de organização da Legião; reflexões sobre o movimento popular da torcida e a elitização do estádio; a necessidade da união das torcidas para o Fluminense; os cânticos da torcida; a recepção dos jogadores pela torcida; o relacionamento com as torcidas do Fluminense fora do estádio; as viagens realizadas na trajetória como torcedor; o batismo como tradição da torcida; o acompanhamento de sua esposa nas viagens; os incidentes ocorridos na torcida; o incidente com a Fúria Jovem do Botafogo; a sensação de medo nos embates com torcidas adversárias; o não-envolvimento nos conflitos de torcidas.

Arquivo 3: A relação da polícia com as torcidas; a atuação do Grupamento Especial de Policiamento em Estádios (Gepe); as viagens da torcida fora do Estado; a atuação da Superintendência de Desportos do Estado do Rio de Janeiro (Suderj); o surgimento da Federação de Torcidas do Rio de Janeiro (Ftorj); a criação de cursos profissionalizantes aos filiados a Ftorj; os debates sobre o Estatuto do Torcedor; a criação de uma entidade nacional de torcedores; o seminário com torcidas adversárias; os empecilhos legais enfrentados pela Ftorj; as diferenças entre as torcidas brasileira e europeia; a recepção da articulação de diferentes clubes pelas torcidas organizadas; as mudanças sentidas pela associação de torcidas adversárias; os jogos de maior competitividade; as amizades entre rivais de torcida; as peças de arquibancada de torcidas rivais na década de 1980; as influências do baile funk na origem das torcidas organizadas; o mosaico da torcida fluminense; as viagens da torcida ao Nordeste; relatos sobre a viagem da Young Flu no jogo entre Juventude e Fluminense; a relação da Young Flu com o Club Atlético Vélez Sarsfield; a torcida uruguaia do

Fluminense; o núcleo de torcedores do Fluminense de São Paulo.

Arquivo 4: A aliança com o Guarani e o Paraná; a relação com a Gaviões da Fiel; a possibilidade de uma escola de samba fluminense; a relação da torcida com as escolas de samba cariocas; perspectivas sobre o futuro do entrevistado na torcida do Fluminense; o sentimento de fraternidade na torcida; a relação do entrevistado com os familiares; considerações finais sobre as torcidas organizadas.

Entrevista: 20.08.2010

Bernardo Buarque de Hollanda - Sexta-feira, 20 de agosto de 2010. Entrevista para o projeto “Torcidas organizadas, criando fontes”, com Flávio Martins, conhecido como Frajola, vice-presidente, membro da diretoria da torcida Young Flu. Para esse depoimento, nós temos a presença dos pesquisadores Jimmy Medeiros, [Clécia] Batista e Rosana da Câmara Teixeira, conduzida por mim, Bernardo Borges Buarque de Hollanda. Bom, Frajola, é um depoimento em que você vai contar um pouco da sua história de vida. Então, eu pediria para começar com dados gerais, seu nome completo, onde você nasceu, local de nascimento.

Flávio Coelho - Bom, eu tenho 34 anos, Flavio Martins Coelho, o meu nome. Eu nasci aqui no Rio, em Laranjeiras e sou daqui mesmo. Eu sempre morei no Rio de Janeiro, morei em Niterói, mas sempre no estado. E eu participo de torcida organizada desde 1990, filiei-me na Young Flu em 92. Nunca fui de outra torcida organizada do Fluminense e entrei na diretoria da torcida em 99. Há 11 anos faço parte da diretoria da torcida.

B.H - Antes de a gente entrar nessa parte da torcida, eu pediria que você falasse um pouco mais sobre a sua família, a ocupação, em que eles trabalham?

F.C - Está bem. Eu morei sempre com a minha mãe, meu pai saiu de casa, eu tinha oito meses. Teve problemas e tal, enfim, saiu. A minha mãe se sentiu sozinha, foi morar com os pais. A gente morava ali no Maracanã, até bem próximo ali... André alguma coisa, eu esqueci o nome da rua, é uma daquelas transversais do portão 18. E aí com a separação, ela foi morar com os pais, no Méier, ali na Camarista Méier e ali eu fiquei até os oito anos de idade. Aí o meu avô - ele é da Aeronáutica - se aposentou e tinha uma casa de descanso, assim, casa de fim de semana, em Miguel Pereira, em Paty do Alferes. E, ao longo da vida dele, ele sempre ia para lá de férias e tal. O negócio dele era se aposentar, montar um negócio lá e ficar lá. Quando ele se aposentou, a família toda foi para lá, que era os pais da minha mãe, minha mãe e eu. Fomos morar em Miguel Pereira. Fiquei lá quatro anos. Mas aí a minha

mãe falou que, na época, realmente, eu fazia Judô e essas coisas não tinham lá. A minha mãe achou que, talvez, a minha escolaridade ficasse um pouco defasada em relação ao colégio de lá e ao colégio daqui. Tinha uma grande diferença, na época. Hoje eu acredito que não tenha mais. Tantos anos atrás, 20 anos atrás ou mais. Então a minha mãe resolveu voltar. Meu avô achou que fosse uma coisa e não foi aquilo que ele estava esperando lá. Aí vendeu a casa de lá, depois de quatro anos. Ele vendeu e criou um bar meio restaurante. Ele vendeu e voltamos para Niterói. O meu avô era flamenguista. E assim: O sonho dele era ter um filho homem para jogar aquela paixão que hoje eu tenho. Aquela coisa de filho. E só teve a minha mãe. E a minha mãe, por obra do destino, virou fluminense. Teve um namorado que era Fluminense, a levou, ela se apaixonou por aquela coisa do Fluminense e ficou o Fluminense. Aí ficou aquela guerra dentro de casa. Meu avô me levava para jogar bola e a minha mãe não me deixava colocar a camisa do Flamengo.

B.H - Você é filho único?

F.C - Sou filho único também. Então... E a minha mãe nunca teve outro casamento, outro relacionamento. Então ficou aquela família fechada. Aí o meu avô me levava ao clube da aeronáutica, me levava ao aterro, à Quinta da Boa Vista jogando bola e disfarçava. Se a minha mãe soubesse que eu tinha vestido a camisa do Flamengo, a minha mãe brigava com ele. Aí ficou aquela briga interna, sadia, mas aquela coisa, não é? Flamengo ganhava, ele falava. Fluminense ganhava, ela falava. Um dia ele me levou em um Fla-Flu, de cadeira. E aí eu fiz a seguinte pergunta para ele: “Por que aquela torcida tem talco e essa não tem?”. Ele nunca me respondeu e perdeu a chance de fazer um flamenguista. [Risos] A minha mãe ficou sabendo disso e ficou batendo naquela coisa, que não era nem talco, era o famoso pó de arroz, mas que, na verdade, era um talco, sem cheiro, sem... Porque, na verdade, ele é assim: Ele é um talco industrializado que vende parecido com saco de cimento, de 50 kg, de uma indústria que leva para uma indústria de cosmético, neutro, onde o cara bota o cheiro que tem que botar. O odor que tem que botar. Então, na verdade, é um talco. Então ficou aquela coisa. A minha mãe começou a dar força para aquilo ali e, assim, a década de 80 foi uma década que, apesar de o Flamengo ter ganhado o campeonato e tal, o Fluminense foi tricampeão

brasileiro, foi tri-carioca. Então, esteve mais em evidência, aquela coisa do gol em cima da hora do Assis, aquela coisa de torcer e tal e a minha mãe ficava gritando, berrando. Depois de muito tempo, ela arrumou um namorado que era Fluminense também. Quer dizer, foi mais um dando força e tal. Enfim, eu virei adolescente e o meu avô perdeu a batalha. Eu acredito que tenha sido uma grande decepção na vida dele. E aí eu fui morar em Niterói, eu comecei a ir aos jogos com os pais de amigos. Porque aí ele caiu doente e tal. Em 93, ele faleceu. Então, quer dizer, ele perdeu um pouco esse poder de me levar ao jogo, de fazer uma força maior. Ele estava preocupado com a saúde dele, em 93 ele morreu. Aí, quer dizer, ficou só com a minha mãe. Continuamos morando eu, minha mãe e minha avó. Aí ficou bem Fluminense mesmo. Eu comecei a ir aos jogos com pais de amigos, eu comecei a frequentar o Maracanã e tal, a acompanhar. Aquela coisa de colégio, de comentar, jornal, enfim... Aí você começa a formar uma identidade, não é?

B.H - Aí já no colégio em Niterói?

F.C – Em Niterói. Estudei no Salesiano. Estudei no Centro Educacional. Em um, eu fiz o antigo primeiro grau. O outro, eu fiz o segundo grau. Eu fiz um curso técnico depois, de edificações. Já falando da vida pessoal, trabalhei em algumas coisas, mas coloquei em prática quando eu fui trabalhar no Tribunal de Justiça e comecei a namorar uma menina que o pai dela trabalhava no Tribunal de Justiça e lá dentro do tribunal tem uma divisão de engenharia e arquitetura, que cuida das obras e reformas dos órgãos judiciários do estado: os juizados especiais, os fóruns. Aí, ele conseguiu me encaixar ali e eu desenvolvi essa coisa que eu tinha estudado. Eu já tinha trabalhado em outras coisas, mas aquela coisa de primeiro emprego e tal. Na época, eu fiz nove cursos de informática, aquele negócio de *DOS*, Excel, não sei o quê, aquelas coisas... [Risos] E você tinha aquela coisa: “Não, ele sabe mexer em computador!”. [Risos]. É, não é? Aqueles disquetes daquele tamanho... Enfim, e era uma coisa que fazia diferença no mercado, não é? Então aí eu já tinha a parte técnica, aí começaram a surgir as planilhas em Excel, aquelas coisas que eram incríveis, você coloca um monte de número e aquilo te dava o resultado no final, aquilo era uma coisa... Então, eu tive um Plus para conquistar aquela vaga ali e peguei. Eu trabalhei alguns anos. Aquela coisa de

muda presidente do tribunal - e eu não era funcionário do tribunal - era uma empresa terceirizada. Que dizer, na verdade, a gente era do tribunal, a empresa saía, entrava outra e mantinha os funcionários. Por conta de treinamento, eram mais de 100 funcionários. Então, eles achavam melhor manter os funcionários e a empresa saía, pagava a rescisão para os caras não irem embora. Vinha outra e recontratava aquelas mesmas pessoas. Mas por conta desse negócio de licitação, de empresa que presta mão de obra, diretoria, aquelas coisas de tribunal, de política interna e tal, mandou uma galera embora. Aí eu fui estudar para outros lados, fui me aprofundar em informática. Comecei com *Corel*, *Photoshop*, fui partindo para Arte Gráfica. Aí fiz *After Effects*, fiz *edição de Avid*, *Final Cut*. O tempo foi passando... Eu fiz *Produção de Cinema e TV*, na Estácio¹. Eu fui partindo para esse lado do audiovisual, virei profissional enfim. Quando você faz um curso de edição, você já é profissional. Aí fiz *produção de Cinema e TV*.

B.H - Você morava em Niterói ainda?

F.C – Não. Aí eu já tinha me mudado para o Rio porque nesse meio tempo, a minha avó morreu. Fiquei só eu e a minha mãe. A gente morava ali em Santa Rosa, na Rua Mario Viana, Ary Parreiras ali, eu morava ali, quase no final do *Procordis*, enfim, perto do Beltrão. Naquele condomínio da Marinha que tem logo depois.

Jimmy Medeiros – Sei, sei.

Rosana Teixeira - Você morou ali?

F.C – Eu morei ali.

¹ Universidade Estácio de Sá.

R.T. – Eu também morei ali. [Risos]

F.C – Jura?

R.T. – Sim, eu morei ali há muitos anos. A minha mãe mora lá até hoje.

F.C – É mesmo? No...

R.T. – No “734”.

F.C – Isso.

R.T. – Então. [Risos].

F.C – O nome dele é Almirante não sei o quê... Teixeira? Silva Teixeira? Não era um negócio desses?

R.T. – Almirante Alexandrino?

F.C – Não, não. Enfim, mas é o mesmo lugar. [Risos]. Ali eu cresci. A gente brincava de pique ali, aquele negócio de polícia e ladrão até a praia, era uma doidera. Era muito bom porque tem aquele condomínio que é grande, tem o condomínio do lado e a gente pulava o

muro. Então, tinha o condomínio de casas, em frente ao ponto de ônibus, são vilas assim, com um monte de casas ali, com muita gente, então fazia uma galera bacana, carnaval e tal. Mas aí o meu avô morreu, a minha avó morreu, eu fui morar só com a minha mãe. A minha mãe era enfermeira, ela tinha plantões, aí eu ficava sozinho, dia sim, dia não. Era plantão de 24 horas por 24 horas. Até o dia em que eu resolvi morar sozinho.

B.H - Isso com quantos anos?

F.C – Em 2000, 24 anos. Eu resolvi morar sozinho. A minha mãe foi morar com uma tia, que também não queria ficar sozinha porque a minha mãe tinha a síndrome do pânico. Então a minha mãe não podia ficar sozinha. Já cansei de largar viagem do Fluminense, namorada, festinha, para correr para casa porque a minha mãe estava agarrada na grade da janela, porque ela não se sentia segura. Coisas assim, sabe? Porque ela achava que na grade da janela, ela gritava por socorro do lado de fora. Porque ela morava no segundo andar. Ela ficava agarrada na grade e ela não saía dali, ela ficava horas ali em pé até eu chegar do Rio, no engarrafamento, ponte, aquelas coisas todas. Aí eu falei: “Olha, mãe, eu tenho que andar, mas você não pode ficar sozinha”. Aí ela fez um tratamento forte para poder me liberar depois. Para poder ficar bem e me liberar. O pensamento era mais ou menos esse. Aí, sim, ela se estabilizou, ficou tomando calmante, de vez em quando ela tinha uns problemas, mas aí era só quando tinha um problema. Quando tinha uma coisa grave assim, ela perdia a linha, mas não tinha as crises. Aí, ela foi morar com a minha tia e foi embora para Itaipuaçu. É uma região de praia, lá em Maricá, tem aquela coisa de praia, andar descalça, não sei o quê. Eu falei: “É melhor para você”. Aí eu mudei para o Rio. Aluguei um apartamento, morei na Tijuca. Vim para o Rio, porque eu já estava, nessa época, atuante na torcida. Eu já estava na diretoria, era viagem, chegava de madrugada, jogo no Maracanã meia noite, aquele problema que, hoje, o grande torcedor não enfrenta baseado no Estatuto do Torcedor, que é aquela coisa de transporte à meia noite, barca e tal, enfim. Vim morar aqui, sozinho, a princípio. Depois, eu arrumei um amigo para dividir um apartamento maior, ficamos morando os dois amigos, até que em...

B.H - Já trabalhando nessa área?

F.C – Já trabalhando nessa parte gráfica. Foi ali que eu comecei a fazer os cursos. Eu fui fazendo *free lancer* primeiro. Trabalhei em outras coisas, trabalhei em uma empresa [hemogeral], que é uma empresa de seguros, em que eu fazia a parte administrativa, mas, assim, já pensando em outra coisa, mais para sobreviver mesmo e pagar conta. E aí eu fui me aprofundando nessa arte gráfica até que eu arrumei uma... Quer dizer, em 2003, 2002, foi centenário do Fluminense. Eu, já envolvido no Fluminense, conheci um cara que era presidente de uma escola de samba, a Acadêmicos da Rocinha, o Ivan Martins, levado por um amigo: “Ah, ele é lá da Young” não sei o quê. A Rocinha resolveu fazer o centenário do Fluminense como samba enredo para o ano seguinte, no ano de 2003. E ele queria entrar no Fluminense: “Eu quero mostrar esse trabalho lá no Fluminense”. Eu fiz algumas reuniões com ele e com os carnavalescos e descobri que o negócio era muito rico, porque ele não falava só de futebol, o cara fez uma pesquisa de um ano em salão nobre, movimentos culturais, esportes olímpicos etc. e o futebol era mais um ali. Eu falei: “Pô, isso é legal”. Eu marquei uma reunião com o presidente e levei esse enredo lá para os caras. Os caras negociaram aquela coisa de patrocínio, dinheiro e tal. Fecharam o enredo. Eu fui meio que a ponte entre o Fluminense e a Escola de Samba. E aí ele me deu uma ala na escola. Ele falou: “Faz essa ala aí com a torcida do Fluminense, vende as fantasias”, não sei o quê. E vendi para um tricolor fanático, no qual, hoje, é o meu cunhado. [risos] Conheci-o e enfim... É como eu falo para ele: “Botou a [inaudível] dentro de casa. [risos] Aí eu conheci a irmã dele e tal. Na época, eu tinha um relacionamento. Mas aí não estava muito bem e tal, ele resolveu me ajudar, porque ele é tão fanático ou mais do que eu. É impressionante, ele passa mal! Eu já me controlo, mas ele passa mal. Uma vez ele caiu na cadeira da arquibancada, ele ficou com câimbra no corpo todo, ele não conseguia levantar. Parecia um feto. O Fluminense perdeu, quase caiu, no jogo contra o Curitiba, enfim, vocês devem lembrar. Então, quase caiu, tinha que ganhar do Curitiba de qualquer jeito. O Curitiba fez 1x0. O Fluminense virou para 3x2, se eu não me engano e ele não conseguiu levantar. Foi um estresse, parece que tinha saído de uma luta. Mas, enfim, aí a conheci, comecei a namorar. Eu, morando nesse apartamento com

um amigo... Só que ela é 11 anos mais nova. Ficou meio complicado no início, porque eu tinha 26, ela tinha 15. Não me pergunta o porquê, mas é uma daquelas coisas que ninguém te explica. Aí, depois de três anos de namoro... Ela é de uma família assim: Ela morava com a avó e com o avô. E o avô ficou muito doente. Aí eu comecei a passar o final de semana lá para ajudar a avó e o avô, porque ele era pesado e a empregada... Só mulher! E o meu cunhado, enfim, na vida, não é? Porque era Garotão e tal. Depois ele arrumou uma menina, casou, foi embora. Então ela ficou mais sozinha ainda. Então, ficou, hoje, a minha mulher...

B.H – Já virou o seu avô, não é?

F.C – É. Ela, a avó, que tem 70 e poucos anos, e a empregada, que é magrinha. Então... Ele teve mal de Parkinson e ao mesmo tempo Alzheimer. Então, ele travava de uma forma, que ficava duro. Ele queria fazer um xixi e tal e não conseguia levantar. Às vezes, ele levantava da cama, de madrugada, e bum! Caía. Ele não conseguia levantar de madrugada. Aí eu passei a passar o final de semana lá para ajudá-la. Aí do fim de semana, foi para a semana toda e, enfim... Até que ela falou: “Vem para cá”. Eu falei: “Eu só venho para cá no dia em que eu puder ajudar em alguma coisa”. Aí, na época em que acabou o meu contrato, eu falei para o cara, eu falei até para ele assim: “Vou casar, vou morar junto, mas estou te avisando, acabou o contrato para não te largar na mão”. Ele falou: “Não, então eu vou procurar alguma coisa”. Aí ele procurou, ele também já tinha uma namorada e eu fui morar onde eu moro até hoje.

B.H – Que é Ipanema?

F.C – Ipanema. E, assim, agora, ela se formou, até a colação de grau dela é quarta-feira.

B.H – Em que ela se formou?

F.C – Em fonoaudiologia, lá na UFRJ. Agora... Porque, assim, até agora era esperar ela se formar para ela poder andar também com as próprias pernas, começar com o trabalho que ela gosta, enfim. Mas agora a avó está sozinha. O avô morreu. E agora a gente fica em uma sinuca de bico, porque os pais dela saíram de casa, foram estudar fora. Quer dizer, a mãe se separou – porque a mãe que é a filha da avó -, ela foi estudar fora, casou fora, enfim, tocou a vida. Então, ela nunca morou em outro lugar. Nem ela, nem meu cunhado, agora o meu cunhado mora porque está casado. Enfim, ela não conhece outro mundo, outra casa.

B.H – É tricolor também?

F.C – É tricolor. Não, isso é curricular! [Risos]. Isso é curricular, curricular. É aquela coisa assim: “Prazer, Flávio, seu time é? Ah tá, então vamos conversar”. [Risos] Então, quer dizer, enfim, agora, nós estamos nessa sinuca de bico.

B.H – Ela vai com você aos jogos?

F.C – Vai! Vai, participa, grita e fica de mau-humor comigo quando ele perde. É bem o meu cunhado. Isso é engraçado porque a mãe é Flamengo, não é? E a mãe agora tem uma segunda família, casada com Flamenguista, com dois filhos gêmeos e flamenguistas de 14 anos. Bom, assim é como a gente vive hoje. A gente fica naquela situação de ter a nossa vida, enfim. Não que não seja dependente. É. Mas debaixo daquele teto ali, dar assistência para a avó que sempre foi a mãe, mas também não pode deixar ela sozinha. Então, enfim, agora, 76 parece... Se eu não me engano, 75, 76, enfim, é lúcida, faz tudo sozinha, vai à rua, vai ao médico, mas é uma pessoa idosa em uma casa muito grande. São quatro quartos, um apartamento por andar. É muito grande. Porque ali eram quatro filhos, aí cada um foi viver a sua vida e a minha sogra é a mais nova, foi a última que saiu. Então, ela teve esse problema de relacionamento, enfim. Então lá é onde eu moro hoje, que é ali em Ipanema e estou, assim, unido com fé, casado é. [Risos]. Não é? Então eu posso dizer que... E a minha vida

profissional foi isso. Eu comecei a trabalhar com essa parte gráfica, comecei a fazer uns trabalhos *free lancer*, depois começaram uns trabalhos mais sérios, aí eu comecei a fazer campanhas políticas e a pessoa em que eu apoiei ganhou, aí me levou para trabalhar, aí foi pintando aquela oportunidade, eu fui desenvolvendo, fui fazendo cursos, fiz muita coisa.

B.H – Quem é?

F.C – Magaly Machado, deputada estadual. Eu trabalhei com ela em um mandato. Depois ela tentou federal e não conseguiu mais.

B.H – Qual era o partido?

F.C – Era PSB.

B.H – PSB?

F.C – É o 40, o do Romário.

B.H – Do Romário, está bem.

F.C – É, isso aí. Mas foi um suporte que eu tive para ter dinheiro para fazer isso tudo de cursos, enfim.

B.H – Mas você que a apoiou, ou teve alguma coisa com a torcida também?

F.C – Teve. Ela apoiou todas as torcidas do Fluminense. E aí nessa parte é que eu fazia artes e designers. Eu fiz a arte da campanha, foi quando estavam surgindo a internet, aquelas coisas. Eu comecei a passar as ferramentas de internet ao pessoal, a gente participou da apuração online, foi a primeira vez.

[Inaudível]

F.C – Não, 90 não.

J.M. – 94?

F.C – Então foi mais para cá.

J.M. – 98?

B.H – É, eu não sei.

F.C – É. Foi ali que eu comecei a ter a grana para fazer todos esses cursos e começar a me especializar. Tendo esses cursos, eu comecei a trabalhar em algumas produtoras como designer até que a gente criou um movimento político dentro do Fluminense chamado Flusócio, que ele é até hoje. Hoje é bem grande. Foi em 2003, ao mesmo tempo da escola de samba, do centenário. Eu também levei o meu cunhado e esse grupo político tinha gente de

todas as classes, de todas as profissões, sócios do Fluminense para a primeira eleição direta do Fluminense. A gente foi se conhecendo, a amizade foi aumentando e começou-se a descobrir que todos tinham uma coisa profissional parecida. Um fez cinema em Roma, na Escola de Cinema de Roma; O outro era publicitário. A gente começou a encaixar e dissemos assim: “Vamos abrir uma produtora?” Abrimos uma produtora e aí cada um foi trazendo o seu nicho de mercado. Trouxemos um cara que era do grupo político também, era superintendente da L’Oréal, da Wellaton, vendia aparelhos de secador, essa linha toda. Deu para ele conciliar e ele entrou com a parte comercial, de captação de clientes. Entrou o publicitário, entrou o administrador, entrou o profissional de cinema e eu. A gente montou uma produtora e tal, aí começamos a fazer trabalhos. Foi quando eu entrei para parte de cinema em si. Porque até então eu fazia arte. Eu entrei para o vídeo grafismo, para edição, para a produção de cinema e TV e a gente pegou a conta do Fluminense. Nós fizemos vários filmes do Fluminense. Fizemos o do centenário; Fizemos Thiago Silva; Copa do Brasil; Os trinta títulos cariocas, que era até engraçado porque era FFC, de Fluminense Futebol Clube. Mas como o Fluminense ganhou tudo, era a Fantástica Fábrica de Chocolate. [Risos]. Porque dava chocolate para todo mundo. [Risos] É, ficou legal. Fizemos uma caixa de metal, criamos uma camisa, fizemos uma camisa, com DVD...

B.H - O “saudações tricolores” é?

F.C – É do Heitor. Foi o primeiro. Nessa época, foi só com o Bernardo e o André Barcinski. O Bernardo editou e eles produziram. Esse foi o primeiro. Foi ali que a gente começou a montar as peças do quebra-cabeça: Chama um, chama outro... Porque cada um começou a ajudar da forma que podia e foi dali que se deu o pontapé da produtora, chamada Contrabando Filmes. A gente fez projeto até o ano passado, entramos para o mercado. Fizemos comerciais, empresas de supermercado, vídeo viral, porque agora é moda, essas coisas de internet, fazer aqueles comerciaizinhos, vídeo viral.

B.H – Essa parte da Young, você também cuida ou tem a parte gráfica, de internet?

F.C – É. Na verdade, na Young tem a internet, que é a parte gráfica. Quando a gente vai fazer alguma imagem... Porque, hoje, a coisa ficou muito popular, não é? Então, todo mundo tem câmera, todo mundo tem um *Windows Movie Maker*, edita em casa, joga no YouTube. Quando é uma coisa mais profissional como foram as duas últimas festas. - Nós fizemos 37, 38, 39. As três últimas. - Aí eu já levei um profissional de câmera, guardei as imagens, editei, entreguei um DVD.

B.H – Você está dizendo as festas de aniversário das torcidas?

F.C – Festa de aniversário.

B.H - 12 de dezembro de 70. É isso?

F.C – De 70. Isso. Aí nós fazíamos uma coisa mais profissional, mais coisa de festa no Maracanã, reunião, churrasco, pagode, essas coisas. Aí o pessoal filma, eu não levo muito isso, não. O que acontece? Tem custo, tem a coisa profissional, aí você vai falar um valor que, enfim, se o cara pode filmar na máquina de mão dele... Mas na Young Flu tem as pessoas que criam os desenhos, do departamento de patrimônio, e tem o departamento de internet, que são os caras que cuidam de internet, blog, e-mail, venda online no site, essas coisas. Porque eu acho que é até um mal necessário, tem que andar junto com o tempo, não é? O pessoal de patrimônio é que cria o desenho, a gente aprova, digitaliza, manda o cara fazer, é pintado. A gente cria, dá palpite, a gente cria. Às vezes, eu ajudo alguma coisa, como eu criei a logo de 40 anos agora, fui eu quem fiz. Mas não participo muito porque eu sou vice-presidente do social.

R.T. – Mas então, Flávio, como foi a sua trajetória dentro da torcida? De torcedor com torcedor, não é?

B.H – Até se a gente pegar o fio da moeda. Você falou no primeiro jogo com o teu avô... Como foi esse início de participação nas arquibancadas, de ir aos jogos, você jogava bola garoto?

F.C – Joguei lá. Joguei no Fluminense.

B.H – No Fluminense.

F.C – Sim. Quando eu comecei a ir com o pai do amigo, pai do outro amigo, o pai do outro amigo, eu ia com o pai do amigo, então não tinha problema. No dia em que eu falei: “Eu quero ir sozinho”. No Maracanã, 14 anos. No segundo “não”, eu inventei o futebol para jogar. [Risos]. Peguei a chuteira, botei debaixo do braço: “Vou jogar bola”. A gente tinha muito time de praia ali e eu jogava em um time em Niterói. Aí eu comecei a me aproximar dos dois lados, comecei a mentir para ir ao jogo e comecei a jogar futebol em um time lá em Niterói, chamado Dínamo. Tem o Dínamo e o Riachuelo, não sei se tem até hoje, mas eram os grandes... As duas forças em Niterói.

B.H – Entendi.

J.M. – Dínamo tem. Riachuelo eu não conheço.

F.C – O Riachuelo era do Fusca. E o Dínamo era do Volotão. Aurimar Volotão. Não sei nem se estão vivos. Eu tinha 13, 14 anos, eu já jogava. Aí o time que fosse campeão em Niterói daquele ano, ia fazer uma excursão nos times do Rio para pegar a rapaziada. Nós já rodamos Flamengo, Fluminense, Vasco, Botafogo, América, São Cristóvão. Eu já fiquei no América. Eu e mais uns dois. Até um amigo nosso, que é do condomínio que é daquele grupo, hoje não tem mais: “Só no sapatinho”, era um deles. O cantor é filho do Zico, a gente conheceu, justamente, pelo futebol, nas peladas. O resto tudo era do bairro ali de Santa Rosa. O Ginho, o irmão do Ginho. E um deles, era o Rodrigo, a gente o chamava de “2 metros” porque ele era pequenininho, ele ficou no América comigo. Do América, carioca, aquela coisa... Eu já tinha uns conhecimentos de torcida, eu falei: “Pô, me puxa para lá”. Aí eu fiquei lá. Na época de júnior e tal, quando eu vim para cá... No meu condomínio - o que eu já tinha mudado-morava o irmão do Claudio Adão, o Waltinho e o Pedro Adão, moravam os dois. O Waltinho, que é o mais novo estava jogando no Ceará e arrumou um jeito de me levar para lá, mas eu fiquei um período parado e eu acabei tendo que me apresentar no quartel. Eu não servi, mas fiquei preso lá, aquele negócio de “faz o exame, libera”, “Marca tal dia”, nem sei o quê. A barca passou e eu fiquei. Depois, eu tinha um amigo, que o pai dele trabalhava na LanChile, uma empresa de aviação Chilena. E uma vez teve uma festa de final de ano da empresa, era uma confraternização, aqui no Forte do Leme, e ele me chamou para fazer o time da empresa porque o time contrário eram os diretores da LanChile, do Chile. Iam passar o réveillon aqui, iria ter uma megafesta. Ele falou: “Ajuda lá”. Ele me deu camisa, disse que eu era funcionário. Eu e mais uns dois do condomínio que ele queria. Ele falou: “Só tem coroa, nego barrigudo, os caras vão ganhar da gente”. Aí chamou mais uns dois ou três. Eu acho que um era boy, o outro era auxiliar administrativo. Botou a gente para jogar. O cara gostou de mim, um cara lá do Chile, que tinha o contato no Colo-Colo. Aí o mané aqui que vos fala falou: “eu não vou largar a minha namorada”. Não fui. Aquela coisa de 18 anos, o meu olhinho brilhava, o coração... [Risos]. Eu falei: “Não vou, não vou”. Eu falei para ela, ela começou a chorar. Eu falei: “Agora que eu não vou mesmo”.

B.H – Era a sua atual?

F.C – Não, não. Outra história, outra água que passou sob a minha ponte.

R.T. – Outra história. [Risos].

F.C – Se essa é 11 anos mais nova do que eu, essa aí então... Empurrar o carrinho! [Risos]. Quer dizer, eu não fui. Foi na época em que o meu avô caiu doente, aquela coisa que chamavam de coração de boi. Cardiopatia: o coração inchava, dava falta de ar, imprensava costela, pulmão, sei lá, eu não sou médico, mas era alguma coisa assim. E não podia fazer muito esforço. Era toda hora *Procordis* ali... Então, também fiquei com aquela coisa da família. A minha mãe sempre teve problema de nervos, mesmo antes da crise. Ela sempre foi uma pessoa muito agitada, com muito problema. Então, juntei daqui, juntei dali e falei: “Não vou”. Saí. Aí voltando à torcida, a vida foi acontecendo e eu comecei a ir a jogo.

B.H – Anos 80?

F.C – Não. 90. Porque 90, eu tinha 14 anos. Foi quando eu comecei a jogar bola, foi mais ou menos aí em que eu comecei a ir ao Fluminense com os amigos, com os pais de uns amigos, aquela coisa... E comecei a conhecer as pessoas. E aí eu comecei a não depender do amigo. Tinha uma galera do bairro, tinha uma galera de Niterói, a coisa foi aumentando, até que a grande moda era a Young Flu, que era grandona, atrás do gol. Eu comecei a falar: “Vocês são de Niterói? Eu vou junto”.

B.H – Já era núcleo?

F.C – Era núcleo. Era. 11°. Eu comecei a me integrar a essa galera, que eu não sabia que existia. Para mim era um grupo. Mas em Niterói, o que acontece? Você acaba estudando em um colégio, o outro encontra na festa. Porque Niterói era...

J.M. - Um ovo.

F.C – Era festa do Abel, do Salesiano. O réveillon na praia, aquelas coisas ali. Todo mundo tem essa história, não é?

J.M. – É isso aí.

F.C – Então, eu comecei a encontrar as pessoas fora do Maracanã. E a fazer amizade fora do condomínio porque eu sabia que eu não tinha aquela coisa. O condomínio era engraçado porque a gente estudava na mesma sala, ia para o mesmo colégio, voltava do mesmo colégio, ia para as mesmas férias, era a mesma galera. Criou-se um grupo de 20 pessoas, de meninos e meninas, em que a gente ia para o Salesiano, voltava andando, pegava um ônibus, entrava pela frente, no CTC, e voltava do colégio... O cara que eu sacaneava no colégio era o cara que estava comigo, estudava junto, fazia trabalho e tudo da mesma faixa etária, estudava na mesma sala. Então, eu tinha um grupo muito fechado. Eu comecei a descobrir um mundo lá para fora, não é? 15 anos eu comecei a descobrir. E daí eu comecei a frequentar a Young de Niterói. Foram passando os anos, o título de 95, até que em 99... Eu sou um cara muito organizado, sabe? Anoto tudo, guardo tudo. O 11° núcleo, que era o núcleo de Niterói ficou meio parado. Série C, série B, como toda a torcida, como toda a torcida na forma geral, nego não vai levar a massa na forma que leva. Hoje eu acho que está melhor, porque, hoje, se o time... Isso é até provado pelo Corinthians, o time estava mal, cai. Eles falam: “Não, agora é a hora”.

B.H – Reforça, não é?

F.C – Mas naquela época, não. Nego ficava pau da vida, largava de mão. Não tinha essa cultura de “Vamos lá!”. O Tadeu foi um presidente, falou assim: “Vamos trazer ele para cá”. Eu assumi a diretoria de Niterói, o que a gente chama de monitor de Niterói. Em 99 foi quando eu entrei na diretoria.

B.H – Quem te chamou foi o presidente da Young? Ou do núcleo...?

F.C – Não. Da Young Flu. Do núcleo não tinha mais direção e meia dúzia de [cinco]. Naquela época de vacas magras, não é?

B.H – E a galera que era do núcleo, era colegial? Ou era misturado?

F.C – Não, não. A grande maioria era colegial, mas tinha gente velha.

J.M. – Vocês saíam da onde lá?

F.C – Saía dali, atrás do Abel, ali onde hoje tinha só tricolor. Saía dali. Tinha uma casinha da polícia e um bar ao lado. Então, saía dali de trás do Abel. Então, eu tinha muita dor de cabeça, porque a Raça saía do cinema Icaraí. Então você já viu, não é? E era o mesmo ônibus, ele vinha pelo Ary Parreiras, entrava na praia de Icaraí, entrava na rua do cinema. Miguel Frias? Presidente Backer?

J.M. – Não. Presidente Backer é antes.

F.C – Então, entrava na rua do cinema, saía na Roberto Silveira e a gente estava lá, como Zé Mané, pendurados nos ônibus e todos já sabem o que acontecia, não é? Enfim.

R.T. – Álvaro de Azevedo, ali em cima?

F.C – É. Os caras pegavam no cinema, a gente pegava no Abel. Era doideira. Havia várias confusões ali. Muita gente correndo para dentro do campo do São Bento... Enfim. Aquela época de garotada. Naquela época, você tem que mostrar, fazer a sua... Porque assim: Torcida organizada você tem que fazer o seu comercial, infelizmente. Hoje você faz um bom comercial, nego te vê. Mas, naquela época, o comercial bom era o comercial violento. Então, quer dizer: Fiz muita besteira. Mas a gente conseguiu trazer o grupo de volta. O Fluminense ajudou também. Em 99 ele já estava começando a respirar, foi quando ele ganhou a série C. Na “João Havelange” ele ganhou também, porque a João Havelange mesclou os dois grupos, lembra? Tinha um módulo dos times grandes, e tinha um módulo dos times menores, que foi onde surgiu o São Caetano. E teve toda aquela coisa do Ademar, aquele chute que tirou, porque eram os grandes clubes do Brasil, o Fluminense foi convidado. E o Bahia também foi convidado e não estava, na primeira divisão, mas foram convidados. E esse fez um grupo, não sei se foi módulo, enfim, fez um grupo de 20, eu acho, que eram os grandes clubes. E fez outro grupo de 20 e tantos, que seriam, hoje, a série B, que é São Caetano, Figueirense e tal.

Esse campeonato estava surgindo, [era um time] de empresário e o Fluminense foi o ou o segundo colocado. Quer dizer, um time saído da série C, sendo convidado, no ano seguinte, era o segundo do Brasileiro, na fase de classificação. E aí a coisa começou a fluir, a galera começou a voltar, a galera começou a participar. E aí foram acontecendo eleições na Young, aquele espírito de renovação. Tinha muita gente que já estava besteira na diretoria e já era uma galera que estava abandonando.

B.H – Você diz besteira que você fez e a da diretoria. Que tipo de besteira?

F.C – À minha, era a violência. A besteira da diretoria era dividir dinheiro, pouco caso, enfim, aquelas coisas, as [inaudível] do lado de fora, vender ingresso para quem não tem que vender. A galera resolveu fazer uma reformulação e aí eu fui colocado em uma chapa como a parte financeira, tinha o vice-presidente financeiro e tinha a diretoria financeira, eu entrei nessa diretoria financeira. Mas eu nunca me interessei por isso porque eu queria tanto participar, o meu gás era tão grande, que eu fazia de tudo. Faço até hoje, mas, hoje, tem mais gente com aquele gás que eu tinha e eu deixo porque eu entendo. Hoje eu consigo entender. Ela coisa assim: “Se está faltando alguma coisa na bateria, eu pego e bato”. “Como é?” Aí aprendi. Eu chegava cedo a Laranjeiras, preparava as bandeiras. E eu falava: “Mas eu não tenho que estar aqui, tenho que ver os ingressos por causa do financeiro, tenho que dividir.” [Não, mas eu estava aqui], balançava a bandeira. Entendeu? Quer dizer, parece normal para quem está olhando de fora, mas isso é setorizado, o que faz um, não faz o outro, salvo algumas situações. E aí, eu fazia de tudo, eu falei: “Não é isso”. Aí eu comecei a me associar a parte social da coisa, a participar das campanhas, não sei o quê, queria ver como eram os projetos, me dava a cópia, eu tirava xerox, que é o Ari que está nessa foto aí que você me mostrou, que era o vice-presidente social. E ele era um cara muito bom nessa área. Meio social, meio contato com a imprensa. A gente não tem uma assessoria de imprensa, a gente tem o cara social, que é o social para parte social, mas é o cara que faz uma social. É o cara que está dentro do clube, que fala com a reportagem, que manda recado, que manda nota.

B.H – A Raça tem essa parte de imprensa, não é? Ou não?

F.C – Tem. Eu não sei se tem oficialmente, mas a menina que cuidava disso, hoje, ela é secretária da Ftorj², que é a Camila Gadelha. Eu estava até com ela agora. E aí, quer dizer, ele fazia isso eu ficava... Aí na outra eleição, essa diretora se reelegeu e eu fui para parte social. Eu falei: “Não, eu quero ali”. Aí eu fiquei ali. Ele se aposentou porque é um cara mais velho.

² Federação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro.

J.T. – Se aposentou do trabalho ou da torcida?

B.H – [Inaudível] [Riso]

F.C – Não. Da torcida. Porque assim: Dá muito trabalho. Todo dia tem repórter ligando, gente cobrando as coisas acontecer, você fazer uma campanha social e, às vezes, o cara entre em um trabalho, enfim, é a vida dele, tem o trabalho dele e não consegue acompanhar. E aí no meio do segundo mandato, quando ele me encaixou, ele já foi me passando as paradas. “Não, vai você”. “Não, os contratos são esses.” “Liga e diz que agora é você”. Foi já me passando, quando acabou o mandato, ele era, mas eu já...

J.M. – [Inaudível]

F.C – Já estava assumindo, não é? E aí estou nessa até hoje, vice-presidente do social. Muda diretoria, entra diretoria e estou lá.

R.T. – Mas foi quanto tempo da sua entrada até você chegar nessa parte social? Você entrou em...?

F.C – Eu entrei na torcida em 1990, quando eu comecei a frequentar. Em 92, eu fiz a minha carteirinha. Em 99, eu assumi Niterói.

B.H - Monitor?

F.C – Monitor, em Niterói. Em 2001, em 2002, eu peguei parte financeira. Em 2003 eu peguei o social com o Ari, 2003 mais ou menos, andando junto. Aí ele foi ficando para trás, foi ficando para trás, até que ele saiu. Também não foi muito tempo, não. Coisa de um ano, um ano e pouco, quando ele sentiu firmeza, ele falou: “Não, toca aí.”. E aí eu já fiz assim, eu tenho muita coisa guardada de campanhas, de movimentos sociais ou então causas que a gente defendeu coisas de momentos, mundiais e tal.

B.H – Você falou de eleição e é curioso porque são poucas as torcidas que fazem eleição. Como isso começou na Young?

F.C – Não. Desde que eu conheci a Young, a Young tem eleição. Inclusive, tem conselho fiscal, prestação de contas e as pessoas são cobradas. Inclusive nessa época aí, a gente teve um problema com o livro caixa e a gente teve que procurar a nota, enfim. Tivemos problemas, porque tem um conselho de ex-presidente, que é o conselho fiscal e que cobra. E que se tiver que levar para Justiça, vai levar.

B.H – No início desse ano, foi a última eleição, não foi?

F.C – No final do ano passado.

B.H – É.

F.C – Porque o nosso mandato é de dois em dois anos. Foi criado assim, depois foi criado estatuto, enfim, para não prender muito o cara. O cara pode estar sendo uma desgraça, então em dois anos, você consegue, pelo menos, tirar o cara. Mas, se eu não me engano, a Força

Jovem com quatro. Eu falei: “Vai morrer gente”. O papo é sério, se você for fazer conta, você vai ficar abismado. Então, se não tiver uma limpeza, uma boa índole na coisa, fica complicado. Então, quer dizer, aí tem um conselho fiscal, em que a gente segue o estatuto. A eleição é feita em cima do Estatuto, salvo quando as duas partes chegam a um acordo. Por exemplo, o Estatuto reza que você tem que ser sócio em dia com mais de um ano. E, feito um acordo, às vezes, entre as partes, assim: “Mais de um ano sem estar em dia” “Concorda?”; “Concorda?”; “Então assina.”. Aí existe uma quebra de Estatuto com as duas chapas que concordam, assinam, como foi na última eleição. Foi exatamente esse o acordo. Mas, o que acontece?

B.H – E está perdendo essa medição de forças de núcleos? Ou acaba sendo um jogo?

F.C – Não, é política mesmo. Uns ficam com uns núcleos, os outros ficam com outros, outros ficam com parte de um lucro e a outra parte fica para o outro lado. A campanha agora... Antigamente não tinha campanha, era na “boca a boca”. Mas de umas três eleições para cá, leia-se seis anos ou um pouquinho mais, tem acontecido campanha, videozinhos no YouTube, distribuição de panfletos, coisas que já foram feitas.

R.T. – Interessante.

F.C – É. Então, a coisa tem fica assim... A gente vai aprendendo com a própria política do Brasil. E agora com acesso a YouTube, Orkut, essas coisas, então, enfim, a gente tem bastante coisa para falar. A Young Flu tem uma sede própria.

R.T. – Essa sede é de quando?

F.C – É de 2002. 1500m² no Méier.

R.T. – No Méier... Não, é porque eu visitei um em 96...

F.C – Não. Você foi a uma sala comercial em frente ao *Imperator*.

R.T. – Isso, em uma sala...

F.C - Rua Dias da Cruz, 175.

R.T. – Isso.

F.C – Só que em 2002, através da [Marlene] Machado e do Ricardo Abraão, da família Abraão, era tricolor, eles ajudaram, a gente fez uma caixinha, é Fluminense, ajuda daqui, ajuda dali, compramos uma sede de 1500m² no qual nós assumimos uma dívida de IPTU de 200 mil reais e poucos que foi abatido no terreno. Só que ali aconteceu um problema porque era um colégio muito grande. Ele tinha duas casas, três pátios, uma quadra e um prédio de quatro andares, que eram as salas de aula. Sendo que esse prédio... Esse terreno ficou abandonado, foi invadido. Então, o que estava no terreno em si, nos pátios, barracos de madeira. A gente conseguiu: “Dá licença, a gente comprou”. Por livre espontânea pressão, educação que lhe é peculiar, não é? [Risos] Eu vou cuspir quando [inaudível]. [Risos]. Mas no prédio tinham famílias, o que aconteceu? O prédio tinha um administrador e o cara pegou cada sala de aula, fez um banheiro e uma copazinha. E fez uma quitinete. Então, quando nós compramos o terreno, nós chegamos a um acordo, de comum acordo, de desmembrar isso. Reduziu não sei o quê, você fica com tanto na dívida, do IPTU, desmembrou. E aí continuou tendo aquela vida deles lá. Só que estava muito ruim o terreno. E tinha uma casa que estava

com um problema de estrutura, estava torta. Porque ele é em camadas. Ele tem umas duas casas, o prédio na lateral, aqui tem um pátio desce a escada tem outro pátio, desce a escada tem outro pátio da quadra. Ele é em camadas, sabe? Você olha assim, você vê o Méier todo. Do lado, *Salgado Filho*. Do outro, tinha o outro terminal do Méier. Não do lado do *Imperator*. E eles não tinham dinheiro, porque ou comprava o terreno ou fazia a obra. Aí nós conseguimos umas ajudas de tricolores, Abraão David de novo e demolimos essa casa porque ela ia cair em cima da outra. Eu tenho fotos dela em que ela estava realmente assim. Ela chegava a fazer um arco na passagem, assim, no muro daqui. Ele fazia uma coisa meio que... Aí colocamos em baixo e depois fomos fazer obras devagarzinho. Fizemos um pátio, fizemos um bar, uma churrasqueira, fizemos um muro. Isso ao longo dos anos. E, nessa casa que ficou, onde era a administração do colégio, nós fizemos uma administração, uma sala de reunião e uma academia de luta, não tem aparelho não. É tatame, saco. E depois pregamos o projeto do segundo tempo da Suderj³, que é um projeto de pós-aula, coisa de pós-aula, e o que a gente podia atender ali, a gente atendeu. Fizemos um convênio com o colégio em baixo. O colégio cedia a quadra porque a gente não conseguiu chegar até hoje na quadra para fazer a obra, entendeu? Quer dizer, a gente cuida, mas a gente não conseguiu fazer uma quadra de futebol, está entendendo? Porque, primeiro lá em cima, a questão da administração, a gente está descendo... Fizemos uns banheiros. Nesse pátio, a gente faz churrascos, festa junina, pagode, dia das crianças, festa do dia das mães, aniversariante do mês, a concentração dos jogos, faz um churrasquinho, bar funcionando até a hora de ir ao jogo, como domingo vai ter.

B.H - E, você, então, em dias de jogos, você vai primeiro para lá? Vocês partem de lá?

F.C – Vou para lá. É. Dia de jogo é dia perdido.

J.M. – Mesmo durante a semana?

³ SUDERJ - Superintendência de Desportos do Estado do Rio de Janeiro.

F.C – Mesmo durante a semana a partir das 16 horas. Mas, em dias de jogo, fins de semana, é dia perdido. A minha mulher, a Mariana, o sonho dela é eu falar assim: “Vamos sair, vamos a praia, vamos almoçar e ir ao jogo?” [Risos] É o sonho dela.

“A gente vai para piscina – nós somos sócios – do Fluminense, toma um banho, vamos almoçar no salão nobre – domingo tem almoço no salão nobre – e vamos ao jogo?” [Risos]. Eu prometo isso a ela até hoje, sete anos que eu prometo isso a ela. Um dia eu vou conseguir. Porque assim... É muita coisa para a se fazer, entendeu? Você tem um grupo que chega 10 horas da manhã em Laranjeiras, onde a gente guarda o material.

B.H – Não guarda na sede? Guarda lá?

F.C – Não guarda na sede. Guarda lá. Todas as torcidas do Fluminense guardam debaixo da arquibancada. É uma sala para cada um.

B.H – Por causa de segurança?

F.C - Porque antigamente, ninguém tinha... Porque, na verdade, é assim: As outras torcidas não tem sede.

B.H – A Raça não tem em Vaz Lobo?

F.C – Não. As torcidas do Fluminense.

B.H – Ah, do Fluminense.

F.C – É. Elas não têm sede. Uma tenta botar uma sala comercial, mas não dura muito, a outra tenta, o Fluminense não ajuda não dá para pagar, é muita coisa, condomínio, não dá. Então, elas não têm uma sede. Elas fazem daquela sala, a sede, então, guarda o material lá. Então agora, para cortar custos, a gente aluga um caminhão só, para levar todo material. Leia-se bandeira, faixa, instrumentos e tal. E cada um levava em uma Kombi. E se ficar mais caro, aluga um caminhão só e todo mundo põe ali. Então, tem um departamento de patrimônio que chega ao Fluminense 10 horas da manhã. Esse moleque tem que comer, tem que beber, tem que almoçar, enfim, tem que ficar de olho. Então, já tem gente lá olhando, orientando: “Vai essa bandeira, vai aquela, leva o bandeirão, vai assim bota para lá”. Outro cara da bateria está lá, trocando o couro que precisa trocar do instrumento. “Tem o pessoal que cuida dos núcleos, que é a galera que a gente subdividiu “núcleo de fora” e núcleo de dentro”, o que a gente chama, Rio e fora do Rio. Então, tem uns caras que vão monitorando: “O ônibus está onde?”, “Quantos ingressos são?”, “Está chegando agora?” “Ih, deu problema, polícia.”. Revista.

R.T. - O transporte mesmo desse patrimônio pela cidade é alguma coisa que exige uma...?

F.C – Exige escolta.

B.H - Essa é uma questão, hoje, das torcidas, porque tem escolta da diretoria, mas não tem escolta dos vários núcleos e pelotões...

F.C – Tem escolta policial contratada.

B.H – Mas para todos?

R.T. – Contratado?

F.C – É. Todo mundo pago.

R.T. – Ah, é.

F.C – Mas o problema é o seguinte: Eu acho que, hoje, é muito para pouco.

B.H – Pouco [inaudível]

F.C – É. Antigamente, na época crítica de torcida organizada, nego cercava o caminhão e abria o caminhão. Hoje já tem um entendimento. Hoje, isso é pouco, é besteira se fazer, no entendimento. “Ah, não vou lá para pegar...”. Está entendendo? Tem gente que vai pegar, mas vai pegar se eu estiver com bandeira na mão perdido no Maracanã, que vira aquele negócio do troféu de guerra, aquela coisa, enfim. Mas armar uma tocaia, para ir ao caminhão, pegar [inaudível]. Porque, hoje, você vai a um [inaudível], você diz que foi fulano e o cara está preso. O cara vai trocar uma ideia por causa [de um surdo]. “Eu peguei...”. Porque nem propaganda ele vai poder fazer. Se ele disser “eu peguei”. “Está vendo? Foi ele.” É mais a questão do assalto, porque é um patrimônio. Entendeu? Então você tem o policial contratado.

B.H – Para os núcleos também?

F.C – Não. Para o material.

R.T. – Para o material.

F.C – É o material, estou falando do material.

B.H – Está bem.

F.C – E, então, tem essa pessoa tomando conta dos ônibus. Tem outra pessoa tomando conta dos núcleos que estão vindos: Niterói, enfim, Baixada, Barra. E esse cara cuida dos ingressos dessa galera. “Quantos são?”. “Tal.” Muitas das vezes, pede-se para depositar o dinheiro antes para que você não perca ingresso para esses caras. Porque, por exemplo, ele pode dizer, “Estou indo com o ônibus”. Chega lá, tem o ônibus, mas só tem 30. Não tem 45. Aí eu deixei de vender 15 ingressos para outra pessoa. E, muitas das vezes, esse ônibus chega depois do horário porque quebrou, tomou dura, está no engarrafamento, Maracanã está cheio, não consigo chegar. Então, eu tenho que ter certeza. Tem 27, então, tem que ter 27. Aí tem o cara da bateria, tem o pessoal de sede, que cuida do bar, fecha a sede, faz carteirinha. Tem o departamento comercial, que é o que vende o material. O departamento social, que só eu, quando tem alguma campanha no Maracanã, vamos fazer alguma arrecadação, alguma coisa, a gente trabalha em cima disso. Quando não tem, eu cuido do sócio participativo, que foi uma categoria de sócio que a gente criou só para obra na sede. O cara paga um valor por mês e não paga o ingresso. Então, eu sei que eu tenho x pessoas me dando x de dinheiro por mês. Esse dinheiro é prestado conta, somente para materiais e reformas da sede.

R.T. – São quantos sócios?

F.C – A Young tem 37 mil em 40 anos. Atuante você joga com o time. Se o time está bem, você tem duas mil pessoas. Se o time está mal, eu tenho 300 e vai lá.

B.H – E isso funciona para eleição? Porque é uma diferença o fato da Young ter sócio, implica também e ele ter eleição, é saber quem pode votar, quem vai votar, não é?

F.C – É, mas as pessoas não se envolvem em eleição porque eu não quero ficar mal com ninguém. É difícil. Eleição só tem 1000 votos, 600 votos, 500 votos, dependendo do momento. As pessoas não gostam de se envolver para não ficar mal. Porque, na verdade, o que acontece? Não tem muita reciclagem, de pessoas. É meio dança das cadeiras. A responsabilidade é muito grande, sabe? A punição agora está sendo muito grande. Então, nego não quer botar a cara. Então, acaba sendo dança das cadeiras: “Amanhã estou com ele, depois eu estou com outro”. E, às vezes, a eleição passa, muitas vezes, dá problema, vira inimigo. Mas, na maioria das vezes, daqui a pouco está junto ajudando e tal. Passou seis meses, um ano “Ajuda aqui?”, as pessoas esquecem e fica por isso mesmo, graças a deus. Antigamente era mais problemático. Hoje... E aí eu cubro esses sócios participativos em dia de jogo. Eu tenho uma lista, ele tem que chegar até meia hora antes do jogo, e eu dou o ingresso. Se ele não chegar, eu boto lá na venda. A gente vende para os associados comuns.

B.H – E essa cota de ingressos varia também segundo o jogo?

F.C – Varia segundo o jogo.

B.H – E vocês pegam direto com a diretoria?

F.C – Com o Fluminense. Deixa-me explicar: A Young Flu tem um custo mensal muito caro. Eu não quero falar o nome de outras torcidas fluminenses e fora fluminense, mas que põem o dinheiro na mesa e dividem por três, quatro, acabou. Vão beber. Além de eu ter um conselho fiscal que vão me cobrar o livro caixa, eu tenho muitos gastos: Sete funcionários de bar, IPTU da dívida que eu assumi, luz, internet, cargos sociais dos caras que trabalham na sede, custo de jogo – aluguel de caminhão, lanche da bateria, lanche da molecada do patrimônio, bola, conserto de bateria, conserto de bandeira, segurança -, mensalmente imprime jornalzinho quando a grana sobra, paga o cara do site, enfim, paga o material. Então, quer dizer, eu tenho custo. E por eu ter sede, eu tenho esse custo muito maior. Só a minha dívida de IPTU– hoje a gente conseguiu equacionar –estava em cerca de R\$ 400 mil e pouco. Quase chegou ao zero a zero do terreno e o terreno ia ser leiloado. Porque o compromisso de ingresso do Fluminense, dar o que quer, a gente não tem uma planilha. Então eu não sei quantos ingressos eu vou ganhar. Eu não faço planejamento. E depois eu também não sei, porque é aquela história, o Fluminense está bem, os ingressos [estão menos]; O Fluminense está mal, “Ah, toma aí para encher”. E aí quando está mal, não tem gente para comprar. [Faço dinheiro do mesmo jeito].

B.H- Como é, hoje, a relação com a diretoria?

F.C - A relação é boa, tem entendimento, tem uma pessoa que cuida disso, só que é um problema, não é, cara? Não tem dinheiro, a dívida é grande, enfim... Talvez tem algumas coisas que a gente lê como má intenção, mas tem diálogo, tem conversa, tem até bom relacionamento, [só não tem palavra.]

B.H – E na diretoria da Young, todos são sócios?

F.C – Nesse último movimento de associados, colocamos todo mundo, porque esse ano tem eleição no Fluminense. Antigamente, não. Antigamente eram poucas pessoas. E a nossa meta

é chegar como a *Gaviões*, tem [122] conselheiros, se eu não me engano. Não sei se já mudou, mas... Há pouco tempo, tinha. Participar das decisões do clube, porque assim: Todo mundo diz que as torcidas organizadas lesam o clube. Vou te dar um exemplo rápido: Fluminense e Internacional, na semana passada, tiveram 49 mil pagantes. Não, 39 mil pagantes e 49 mil presentes. O Fluminense gastou com torcida organizada 1200 ingressos. E a torcida organizada que lesou o clube? Estou falando de ingresso, para não aprofundar. Não, acho que foram 1500, vamos botar. Entendeu? Então, não é a torcida organizada que lesa o clube. Porque o clube não coloca o custo da torcida organizada no operacional do jogo? O cara gasta com o ônibus, transporta a delegação, gasta com hotel dos jogadores, quando eles estão concentrados, gasta com fiscal de roleta porque são obrigados a botar, ouvidoria etc., etc. Porque não gasta com a... O que são esses x reais e não se põe no custo operacional? E, assim, a gente não consegue comprar meia no Fluminense. Eu sei que os estádios compram na *Fúria*, o João compra na *Força Jovem*, a gente não tem. Então é zero ou dez. Ou tem ou não tem. Não vou entrar na política do clube porque eu tenho até explicações para isso, mas vai fugir do nosso assunto. Mas se a gente comprasse... Eu tenho conhecimento que o ingresso ele custa 15% do preço de bilheteria. A aquela história do valor de face. Então, se você tem R\$30 reais em ingresso, ele custou R\$4,50. Se o clube vender a R\$10, eu dou R\$5,50 para o clube de lucro, e vendo a R\$15 e ganho R\$5,00. E ninguém lesou ninguém. Ele me ajudou, eu não lesei o clube. Eu dei dinheiro ao clube. Mas, enfim, aí é política, é administração, são outras intenções, não vem ao caso e não convém.

[FINAL DO ARQUIVO 1]

B.H – A gente está falando um pouquinho da relação dentro do clube. Então, só para você fechar e contar como é a relação com as outras torcidas do Fluminense, com jogadores do Fluminense e depois a gente amplia isso para...

F.C – Olha, dentro do Fluminense, a relação com o clube é boa. Tem entendimento. Nos últimos dois anos, essa coisa de entrar como sócio, botar a torcida como sócio, ela fez parte

da vida política do Fluminense. Então, assim, a gente acabou conhecendo muita gente. Eu só sócio desde 2003, mas a grande massa não conhecia. A gente estava dentro do clube e falava: “Quem é aquele?” “Quem é aquele que está falando?” “Quem é aquele que está ali?” “Aquele cara faz o quê?”. Hoje não. Hoje já tem bastante gente que sabe quem são as pessoas, porque as pessoas participam da vida política. Eu estou indo para a terceira eleição direta no Fluminense, então tem um bom relacionamento. Tem problemas, não é? Questão de ingresso, ajuda, ônibus, essas coisas, mas não tem nenhum tipo de falta de comunicação, de briga com a diretoria do Fluminense. E com as outras passadas também. Eu tenho um presidente chamado David Fischer, que esse era bem a favor, era aquele que era “Não. Somos nós contra eles, não eu contra você”. Tinha bem essa filosofia. Com as outras torcidas do Fluminense, tinha um bom entendimento. No final da década de 90 teve muito problema. Questão de vaidade, rivalidade entre a Young Flu e a Força Flu. Tiveram brigas enormes, acabavam brigando no gramado das Laranjeiras, voltando de jogo e nada no Fluminense. Até que nego cansou e parou. Inclusive no Maracanã, nos jogos, as faixas ficavam obrigatoriamente contrárias da outra. Eu me lembro de um jogo no Caio Martins entre Fluminense e São Paulo, que tinham que colocar a faixa do Young de um lado e a faixa da Força Flu do outro lado da arquibancada. Se cruzasse, dava dor de cabeça. Por conta de ciúmes, vaidade, coisas dentro do clube.

B.H - E era de diretoria a diretoria? Ou era a base que brigava? Ou os dois?

F.C – A diretoria brigava e a base ia junto. Claro, não é? Inclusive, em 99 na série C, teve um jogo que ficou na história que foi contra o Náutico na geral em que a arquibancada estava fechada por causa daquela competição de 2000 – Mundial – e aí a água no joelho e a gente brigando. Jogo rolando, a água no joelho, a geral cheia, enchente, quem estava na cadeira pulando por conta de degrau, brigando com a torcida rival. Até que um dia alguém falou assim: “Vamos sentar para conversar?” Aí foram deixando a vaidade de lado e falado assim: “Não, a gente tem que brigar por nós do Fluminense e não brigar entre a gente”. Porque estava começando a ter aquela desculpa: “Não, se vocês fossem unidos, se vocês estivessem juntos, a gente podia dar dois ônibus”, não sei o quê. A gente começou a tomar umas

porradas e aí a gente se entendeu. Aí mudou, algumas pessoas abandonaram, saíram as turronas, aquelas que não tinham... Aí a gente foi tomando o poder, foi quando a gente foi assumir, aquela história que eu falei da renovação... Acertou-se e até hoje, pelo contrário, uma não anda sem a outra, ninguém faz nada sozinho, chama pelo telefone: “Fulano está chamando para conversar”. Época de apoio político, de eleição. [Inaudível] A Magali Machado fechou apoio político com todas as torcidas do Fluminense. E com os jogadores, o jogador passa, o Fluminense fica. E eu sou Fluminense, eu não sou... Então, eu acho que tem que ter o mínimo respeito. Assim: Eu sou funcionário de uma empresa, eu tenho o meu momento de lazer e eu vou ficar chateado se o meu patrão falar: “Não bebe no sábado, não”. Eu estou de folga! Eu entendo esse lado. O que a pessoa, às vezes, tem que entender é que eles são atletas. Então, não é beber, é ter uma vida de atleta. Eles ganham muito bem no Fluminense para tratar aquilo, enfim... E aí tem uma cobrança, o que acontece? Muitos se questionam. O Fluminense joga mal, perde. Vem perdendo, perdendo, a gente desce a arquibancada, você escuta assim: “Porque na minha época, eu ia ao Fluminense e batia em todo mundo”. “Que em 84, eu chutei o carro do Assis”. Você vai a Laranjeiras e cobra dos caras, “é um bando de marginal, vagabundo”. Se você grita no treino, “Aqui é um local de trabalho, precisamos ter concentração”. Se você grita no jogo, “Aqui é um local de três pontos, é a guerra, não se pode gritar”. Vou protestar como? Uma carta, uma flor e mando para casa dele? [Risos] Entendeu? Então, assim, depois que inventaram telefone celular, Nextel, em 5 minutos eu sei o que você está fazendo. Assim como eles gostam de noite, de orgia, a gente também, ué? E vão ter os solteiros que estão na sacanagem, que vão ver os caras. Enfim, nego vai atrás. E, nos últimos tempos, teve uns que teve que acender uma vela para o anjo da guarda. Porque a gente vai cobrar enquanto Fluminense. E eu ainda vou além. Eu acho que “Ah, mas está fazendo gol”. Não! Quer dizer, que é legal enquanto está fazendo gol, não está fazendo gol, pode zoar. Não está fazendo gol, ele não pode zoar? Ele não pode zoar [inaudível] alguma! Veja bem: Não é sair, não é ir ao teatro, não é, enfim, beber, sabe? É estar sem regra. É estar sem compromisso. O cara está aqui de manhã. O cara está bebendo todo dia. O cara deu um treino de manhã para um jogo importante... Por exemplo, agora, fim de semana, a gente tem Fluminense e Vasco no domingo. Tem treino sábado de manhã para concentrar, aí o cara 4 horas da manhã está no Salgueiro, sabe? E eu fui atleta, eu corro até hoje, eu pratico esporte, eu sei que se eu ficar até seis horas da manhã, eu não vou correr o que eu corro. O corpo vai cansar. Tem os que fumam! Então, quer dizer, tem que cobrar. O

cara está defendendo o clube. Tem gente ganhando R\$100, R\$200, R\$300, R\$500 mil. E você mexe com a paixão. Nem todo mundo é educado. Nem todo mundo é civilizado. Aí entra naquela história de que futebol é um esporte popular, vocês são pesquisadores, sabem mais do que eu, que envolve classes baixas, na grande maioria. Entra a questão de o cara não ter cultura, o cara vê a violência no dia a dia, enfim. E o cara só sabe cobrar daquele jeito. Porque cobram dele assim. Quando criança, ele só apanha. Enquanto adulto, ele resolve tudo na mão. Quando não, no tiro. Ou então ele vê os caras fazerem. Então, ele acha que aquilo ali é forma de cobrar. Então tem a parte violenta da coisa. Mas de certa forma, olhando por outro lado, a gente tem amigos. A gente tem parceiros. Os caras que dão atenção, que são gente boa, que estão em nossas festas, que representam a gente, que levam a nossa voz lá para alguma coisa, que quando está mal, a gente quer conversar, são os caras que são a porta vozes, enfim.

B.H – Tinha uma época em que eles tiravam as camisas do time, mostravam para a torcida...

F.C – É. Não pode mais.

B.H – Não pode mais, não é?

F.C – Por conta do patrocínio, não é? Inclusive, no Fluminense, é vetado. Se quiser, toma uma multa.

B.H – Às vezes, quando o cara chega, bota o boné e tal. Agora eles estão...

F.C – Agora estão vestidos de cima para baixo de patrocinador.

B.H – Não deixam mais, não é?

F.C – É. Mas aí é um mal necessário.

B.H – Você tocou nessa coisa do esporte popular. É um gancho. Nos últimos cinco anos, o ingresso subiu mais de 200%. De R\$10 Reais, hoje está R\$40 Reais. Como é esse processo de elitização do estádio, não digo do esporte que continua popular, e o lugar da torcida organizada dentro disso?

F.C – Eu estava até falando antes com ela sobre isso. Culpa-se a torcida organizada pelo afastamento do público ao estádio. “Por que você não vai?” “Ah, porque é briga, é violência”. “É isso, é aquilo”. Primeiro, no Maracanã, não tem a grande briga, o grande atrito. Desde que foi criado o Gepe⁴, tem um bom entendimento, tem um policiamento especial, as torcidas são escoltadas. Tem problemas fora do Maracanã. Isso aí é o Rio de Janeiro todo. Mas no Maracanã não tem. Segundo, corre-corre, tumulto, vai ter no show da Madonna, no réveillon na praia, o cara enfrenta isso. E terceiro, se você quiser no Maracanã, se não for de torcida organizada, com segurança, você chega. Porque de um lado, o metrô sai na porta. Claro, tem o tumulto, está cheio, mas o cara não vai dar uma garrafa na cabeça dele ali! Entendeu? Do outro lado, se o cara quiser ir de táxi, o ônibus para na porta do Bellini⁵. É só o cara se programar. “Esse ônibus passa por aqui?” Ou, então, você tenta pelo metrô. Então, assim, culpa-se a torcida organizada por conta disso. Mas ninguém fala do valor dos ingressos, do valor dos serviços, da falta de estacionamento, da falta de condução quando o jogo é meia noite, os horários dos jogos por conta das patrocinadoras de TV, da má intenção de te afastar para você comprar um *pay per view*, porque não convém. Vai falar do transporte, vai falar do governo, que administra o Maracanã. Vai falar do *pay per view*, vai falar do cara que te dá dinheiro, quando você está com a corda no pescoço. Vai falar dos serviços de uma empresa terceirizada, que é favorecida. Então, quer dizer, joga para o lado mais fraco.

⁴ GEPE - Grupamento Especial de Policiamento ao Estádio.

⁵ Refere-se à estátua do ex-futebolista Hilderaldo Luiz Bellini, localizada na entrada principal do estádio Maracanã.

B.H - E até dentro disso tem um fenômeno que a gente pode perceber a mudança de estratégia dos meios de comunicação que, durante um tempo, foi estigmatizar as torcidas, isso é claro. Agora essa asfíxia econômica, completando isso, tem sido a fomentação de novos grupos. Em torcidas, essa relação com a imagem, que estão colocadas com as letras que você coloca no visor, quer dizer, o tipo de letra que eles estimulam. Você falou da rivalidade com a força Flu, como foi esse surgimento da legião tricolor como uma tentativa, agora, que teve em várias torcidas de não ser torcidas organizadas, seguir o modelo Argentino, [da Barra]? Como foi isso dentro, porque também teve depois uma mudança? Conta essa relação dentro das torcidas do Fluminense.

F.C – No início foi problemático, porque tem uma galera que tem uma cultura que não admite, [inaudível] é massa, que acha que vão tomar o lugar deles, que vão estragar aquela festa que eles fazem há anos, que vão ser mais do que eles. É problemático você segurar. Depois, esse medo vira realidade, porque ganha corpo e faz a coisa acontecer melhor. Então eu vou dizer para você que a legião tricolor do Fluminense foi um mal necessário, porque a torcida organizada desaprendeu a torcer. Era só grito de guerra, era só incitação da violência, xingamento, você fazia sem sentir que era ruim porque só tinha aquilo. E a legião tricolor mostrou que podia fazer diferente, que era mais alegre. Então quer dizer, você ficou entre a cruz e a espada, porque era uma coisa que te trazia problema, era uma coisa que te dava dor de cabeça, internamente ali, você tinha dor de cabeça por causa daquilo ali lá, mas por outro lado, “pô, mas é legal”. Eu até confesso que no início eu não gostei. Porque, assim, no início tinha muito assim: “Não tem liderança, é um movimento popular”. Então quando dava festa “estamos aqui entrevistando o fulano de tal, que organizou a festa”. Deu “xabu”? “É o movimento popular, eu não posso responder pelos outros”. [Risos]. E eu ficava pau da vida, porque eu vou para o [inaudível], deixo de ver o jogo, saio preso. “Ah, não, mas movimento popular”. Está entendendo? Não tem uma liderança, não tem um chefe, não tem um coordenador.

R.T. – Eu queria que você falasse disso, Flávio. Primeiro, nesse sentido da criação desses movimentos. Porque uma das ideias é que, na verdade, seria um movimento mais autêntico, no sentido de que se procura diferenciar, não tem essa incitação à violência, essa ideia de canta a todo tempo e não de provocar, enfim. O que você pensa disso? Quem são as pessoas que pensaram na constituição de um movimento diferente? E em que medida esse movimento fez com que as próprias torcidas repensassem?

F.C – Quando a coisa aconteceu, por muito pouco nego não acabou com isso. Porque vou ser sincero, nego ia lá, jogava duas lá em baixo e acabava com isso. Nego vai jogar lá em baixo, por conta de ciúme, por conta de aparecer mais do que eles. Eu cansei, eu sozinho não, cansamos de segurar nego no túnel: “Não, não desce! Não desce!” Nego empurrando a gente. Se eu não estou ali, se uma galera não estivesse ali, tinha dado um “xabu” grande. Só o que aconteceu? O movimento foi inchando e as pessoas do lado de cá foram falando: “Pô, legal”. Aí começou a dividir a opinião. Aqueles que não achavam que era legal foram ficando em minoria. O pessoal foi mudando de lado e começamos a perceber que: “Não pode correr, junte-se a eles”. Aí nós criamos o núcleo de festa, que seria Legião dentro da Young. Pegamos a molecada que fica cantando igual maluco, pegou esse mote da torcida argentina, a questão da bandeirinha, e assim: “Vamos fazer as músicas do Fluminense também. Por que não?”. Começa a intercalar. Isso ao longo do tempo. Deu muita dor de cabeça, não foi de um dia para o outro. Primeiro, precisam achar pessoas para fazer isso. Segundo, precisa falar: “Deixa os caras, Faz aqui.” Porque nego ficava de lado rosnando. E aconteceu uma coisa chata porque eles também provocavam, só que do lado de lá do vidro. Aconteceu um episódio muito chato, foi até interessante: Teve um jogo entre o Fluminense e São Paulo, uns dois anos atrás, em que o Fluminense estava mal. Nós resolvemos fazer um protesto inteligente, que foi sem xingar, sem bater, sem quebrar, entramos no primeiro túnel, com caixões e cruz, todo mundo de preto - [...] todo mundo de preto - e de costas para o campo, não xingamos ninguém, não falamos nada com ninguém. Quando entrou aquele bloco, nego começou a cantar o hino do Fluminense, todo mundo estava xingando os caras, no bom sentido, assim: “Pô, esse jogador não presta”, “Tira esse cara daí”, “Diretor safado fulano de tal contratou esse cara”. Quando nós fizemos isso, nego achou que aquilo ali era alguma coisa contra a torcida do Fluminense, parece que estávamos gritando “Flamengo”, “Vasco” ali,

sabe? Uma coisa assim, entendeu? Nego começou a virar para a gente e começou a cantar o hino do Fluminense. Leia-se Legião. Aí, bicho, como eu vou segurar uma boiada de 1.000 cabeças? Nego começou a tacar tudo para lá. Só que o seguinte, aqui, nego taca e vai lá. Lá, nego taca e sai correndo. Nós conseguimos segurar a galera e eu fui lá com mais uns três ou quatro nessas lideranças que somem: “Não, não, não sou eu, já falei para não fazer”. E para o azar deles, eu fiquei lá conversando com os caras e o jogo rolando. Nisso, o Fluminense fez um gol, os caras estavam aqui, a divisório é aqui, veio um bloco de torcedor da arquibancada, puxando a criança, que parecia um cachorro voando assim, para xingar a gente! Fazendo sinal aqui, ali e eu no meio dos caras! Eu falei: “Está vendo?” Quando o bolo fez assim no buraco “Blum” e nego está correndo até agora. Nego foi para amarela, foi para branca... Assim é mole, cara! [Risos]. “Não tem pai, o filho feio”. O que acontece? Nego vai ali e vai bater em nego que não tem nada a ver. Até nego dá uma xingadinha, mas não foi o culpado. Quer dizer, eu fiquei puto. Eu falei: “Porra, quando é bonito nego faz festa, quando não é, nego sai correndo”. Nego é brabo para caramba, com vidro na frente.

B.H – Porque, em geral, as dissidências envolvem um pouco essa coisa da carreira do cara. O cara não encontra espaço em um lugar, vai para outro. Nesse caso, era gente que tinha antecedente em outras torcidas? Ou não?

F.C – 80%.

B.H – Então, em geral...

R.T. – Ah, está bem. Essa que é a pergunta. São dissidentes, então, não é?

F.C – Na verdade, eu acho que até mais. Todo mundo. Porque assim: Estavam na Young e na Força Flu, mas não gritam Fluminense! “Tu também não gosta?” “Vamos para ali!”. Aí juntou aquela coisa da torcida do Grêmio – menos aquele negócio de ficar imprensado com

cara, menos aquele – [Risos], agora que eu entendi porque eles torcem tanto para sair gol, “vai”, “vai”, “vai”. [Risos]. Mas, enfim, estamos falando do Fluminense, então, “Ah, você também não gosta?”, “Eu também não gosto.”, “Vamos ali, vamos pegar umas bandeirinhas, vamos fazer coisas pelo Fluminense?” Vou assim que surgiu. Ao longo do tempo, eles também criaram uma filosofia, e essa filosofia começou a não agradar certas pessoas dentro deles, e aí houve a volta. Muita gente falou “Ah, não!” “Ah, não!”. E aí teve um ponto à favor, que foi criado o núcleo de festa e a torcida da Young e as outras começaram cantar também do Fluminense. E lá não tinha bandeiras, não tinha bandeirinhas, não tinha aquela festa, não tinha isso, não tinha aquilo. Então, as pessoas começaram a ficar “pô, vou voltar”. Começaram a voltar. Começou a haver o entendimento também entre as partes, entre as diretorias que eles dizem que não tem, mas que tem. Tem gente que comanda.

R.T. – Isso que eu ia perguntar. Então não tem uma organização? Mas não tem um estatuto?

F.C – Não, não tem. Eles não têm nada. A Legião não tem nada. Nada formal.

R.T. – Nada?

F.C – Nada. Não tem camisa, não tem bandeira, não tem estatuto, não tem diretoria, não tem nada. Nem registro de torcida organizada.

R.T. – Sim, claro.

F.C – É um movimento popular. Então, teve até um episódio engraçado, porque uma vez, a gente fez um planejamento com o Fluminense de viagens, ingressos, para o campeonato carioca. E o Fluminense não cumpriu nos dois primeiros jogos. E um foi viagem, então deu

uma dor de cabeça, ter que comprar em cima da hora... O time estava estreando bem, enchemos o estádio Cabo-friense. No terceiro jogo, nós combinamos de não entrar com nada. Sem faixa, sem instrumento, sem bandeira, sem fazer festa, sem fazer nada. O cara tem que sentir a nossa falta. “Os caras têm que sentir a nossa falta”. Fomos para eles, e falamos: “Ó, não leva nada porque a gente não vai levar nada”. Se não o clube vai dizer: “Porque eu preciso de vocês, se eu tenho eles”. “E a nossa reivindicação vai para onde?” “Tem gente que faz de graça.” Entendeu? É outra discussão. Então, beleza. Estou na rampa do Maracanã, sobe um maluco com um bumbo: “Aê!”, com bumbo e as bandeiras embaixo do braço! Aí nós chamamos a liderança - que não tem - mas nós chamamos, [risos]. Falamos assim: “E aquele cara lá na rampa?” Foram 30 em volta dele! Nego babando. Ele ainda queria se explicar, coitado: “Não, mas é um movimento popular”. “Mas isso aí é o quê?” “Você não é um envolvido?” “Você não faz a festa?” “Faço”. “Mas o bumba é dele, eu não posso perder dele.” “Ué, mas você não tem comando?” “Quando você faz a festa você não tem comando?”. Eu sei que o cara sentou e começou a chorar: “Ah, não, cara, é paixão, é o Fluminense”. Aí eu escutei de um amigo nosso assim: “Pô, estava doido para ele me xingar, ele começou a chorar, ele me desarmou. Vou embora”. [Risos]. Então, quer dizer, ficou uma coisa ruim.

B.H – E a diretoria do Fluminense, em nenhum momento, estimulou isso?

F.C – Não. Não se envolveu.

B.H – Não teve relação?

F.C – Não, não. Porque eles iriam arrumar um problema com a gente, na época, não é? E é a última coisa que eles querem. Aí nós criamos o núcleo de festa.

B.H – Por que esse era um ponto que eu queria chegar. Até que ponto essa estrutura do movimento popular é condizente com esse interesse de uma elitização do estádio, à medida que não tem a camisa da torcida, não compete com o clube?

R.T. – É.

F.C – Na verdade, hoje, o movimento popular dentro do Fluminense, faz parte da política porque eles colocaram bastante sócios. Então é mais um grupo dentro de vários grupos, dentro do Fluminense, politicamente. São potenciais de voto, está entendendo? São situações que, hoje, dentro do clube, mais, como eles dizem, sem diretoria. Mas, assim, isso é o meu calo. Não custava nada eu dizer: “Está bem, eu comando”. Mas é porque são pessoas que não foram envolvidas com torcidas organizadas. Eram de torcidas organizadas, mas não foram envolvidas com torcidas organizadas, entendeu a diferença? Vê um policial, acha que vai ficar preso 10 anos e não vai ver a mãe. Não sabe que “ó, tem um contrato, vamos conversar?” Tem aquele medo do cidadão, enquanto ser preso, enquanto assumir uma responsabilidade, ter um processo, “Não, e se ele me leva para delegacia?” Sabe? Tem aquela coisa assim, eles têm medo, não é o medo covarde, mas é o medo de coisas que ele não conhece, entendeu? Até que surgiram alguns advogados, que fizeram parte do movimento, eles “peitaram” com as liminares, que não pode entrar com pó de arroz. Eles peitaram o policiamento, entraram, enfim... Aí perderam um pouco desse medo, mas esse medo faz com que eles não queiram ter responsabilidade. “Ah, se der ‘xabu’, eu não.” “Eu vou me envolver com isso?” “Tenho trabalho, tenho família”. Fugiram da responsabilidade, fugindo alguém de falar assim: “Não, é meu”, “Fui eu”. Isso não quer dizer que o cara vai ser preso! Porque eles não vão fazer besteira. Eles não fazem besteira. Mas me dar no calo porque eu quero falar com alguém e ninguém... “Não, tem que falar com fulano, é o fulano”. Eu preciso resolver uma coisa, resolver uma festa, “Ah, mas tem que votar”. “Tem que falar com não seu quem”. “Não sei quem que faz o desenho.” “Não, não posso aceitar”. “Porque não pode aceitar? O cara está querendo pagar aqui a festa!” “Não, não pode”. Sabe? E oportunidade de espaço... Muitos deles, foram da Young, até os que comandam, mas tem umas coisas que...

B.H – Eu tenho visto que estavam na amarela, e foram para a verde, não foi [na semana passada]?

F.C – Aconteceu o seguinte? O problema do Fluminense trouxe isso. O Fluminense precisou da união. Não adianta eu estar gritando “A”, você estar gritando “B”, o outro estar gritando “C”. Aí se fez o movimento das torcidas organizadas, nada formal, mas se criou essa combinação: “Vamos todo mundo ficar juntos atrás do gol” para salvar o Fluminense. Então, não veio só a Legião, como veio a Garra, a Força Flu, a Flu tu, veio todo mundo. Não, a Força Flu foi a única que não veio. Não quis vir. Mas as outras todas vieram com a Legião. E a coisa deu certo. O Fluminense saiu do buraco, enfim, não caiu. Ganhamos jogos que ninguém achava que iríamos ganhar. E aquela coisa de “não vamos parar de cantar”, “vamos até o final”, “não vamos xingar” e deu certo. Então se achou, que bom assim. “Vamos manter aqui, vamos ficar aqui”. Então as torcidas organizadas voltaram para os seus lugares, mas na virada para 2010 a Legião ficou com a Young. Só ficou junto quando ficou misturado. São dois [rolos] e isso dá problema. Um quer gritar “A”, o outro quer gritar “B”.

J.M. – As duas com baterias?

F.C – É. As duas com baterias, mas não se compara. Não faz barulho, porque assim: A nossa é uma bateria de escola de samba. A deles, são dois surdos. Só que veja bem, você dentro de uma torcida organizada, isso está até dando problema recente, “cara, vamos cantar Fluminense”. “Mas, bicho, o cara chutou a bola lá na casa do cacete, o cara caiu, está sendo atendido, vamos cantar a musiquinha da Young, cara?” Deixa o pessoal botar para fora, sabe?! [Risos] O cara quer cantar aquilo: “Os caras vêm aí, o bicho vai pegar”, que a torcida do Flamengo isso ou aquilo, o Vasco não sei o quê, sabe? Em um montante, não vai fazer diferença! O Fluminense não tomar um gol por aquilo ali.

R.T. – Essa é uma das questões, não é, Flávio? Esse é um ponto importante, até porque eu acho que, na mídia, isso é uma questão interessante, essa é uma questão muito valorizada nos movimentos, o fato de que eles só cantam para o time, eles só pensam...

B.H – Eles não xingam, não falam palavrão.

R.T. – Não xingam, não falam...

F.C – Esse é outro problema de xingar, você imagina passar uma draga desgraçada, uma porrada atrás da outra, e tu não vai xingar o desgraçado! [Risos]. “Ah, porque é patrimônio do clube”. Então o compra! [Risos]. Não tem como, você estar ali, o time perdendo, o cara não fazendo nada, e você falar: “Por favor, sai”. Não dá! [Risos]. Não dá! Eu acho que xingar o barato, à toa... Por exemplo, tem um jogador, não vou falar o nome, no Fluminense, o time entrava, o fulano “tum”, nego “uuuhhh”. Aí ele tocava na bola, nego “uuuhhh”. Aí uma vez, o diretor de futebol, chamou a gente lá no canto, “Pô, irmão, [amolece] para o cara, o cara entrou em campo, vocês estão xingando”. Aí chamou duas cabeças pensantes, que não eram nocivos, fomos para trás de um carro no estacionamento do Fluminense, o cara falou: “Pô, irmão, pelo amor de Deus, me dá uma moral”, “eu tenho segurança para dar um passe”, “o que eu paro a bola e levanto a cabeça, nego “uuuhhh””, “eu não tenho segurança!” “Se eu errar o primeiro acabou o jogo para mim”. Aí eu falei: “Está bem, vamos lá, nem eu, nem você. Vamos lá, dê tempo ao tempo”. O cara ganhou o título, foi para seleção. E nego agora sente falta. Já foi mencionado em certas situações: “Ah, fulano...”. Então, quer dizer, nós estávamos errados. Aí eu concordo. Pegar no pé de um cara? O cara entrou em campo, “tum”, o nome do cara no placar, nego “uuuhhh”. Concordo. “Bota para vender”. Agora, existem situações e situações. Tem nego que você sabe que é apadrinhado, que é de empresário, [diretor] do clube, que o cara está ali em uma forçação de barra, o fulano entra e é melhor que ele e o cara está no banco, e ele está jogando, como aconteceu na Libertadores. O cara jogou a libertadores toda abaixo de vaia, perdeu o campeonato da Libertadores. No dia seguinte, ele não ficava nem mais no banco e passou o campeonato inteiro fora do banco!

Alguma coisa tinha. Então esse é o grande problema. E, hoje, nessa junção que está até hoje, está dando muito problema, está dando muita dor de cabeça, está arriscado eles passarem para a amarela de novo. Se não acontecer no domingo. Porque de um lado, nego não sabe conversar. E eu não vou ficar fiscalizando 2.000 pessoas em pé, pelo amor de deus, eu também quero ver jogo. O cara chegou bêbado, porque não vende cerveja, o cara não pode chegar bêbado. Enfim, e está pau da vida por causa do time mesmo e aí? Vou ficar tomando conta de todo mundo? Pode dar um problema. Determinadas músicas, eles não cantam. E aí vem: “A gente está cantando tudo o que vocês cantam, cara! Não podem cantar um negócio aqui?” E até hoje, tem gente que não atende, falam: “Ah, vocês não cansam de bater, de brigar”. “Cara, é a cultura dos caras, os caras querem cantar uma musiquinha que vem aí, que a Young não sei o quê”. “Faz parte, cara”. A grande maioria foi de lá, já gritou muito aquilo. Eles têm esse pensamento radical, entendeu? E isso está dando muito problema, além de não misturar. Fica junto, mas não mistura. Ficam duas [...] aqui. Fica uma coisa meio assim. Porque tem gente que não gosta. Tem uma porcentagem que nunca foi de torcida, não gosta. Está ali por causa do movimento. Só que não tem... Para falar: cagão.

R.T. - Por exemplo, se houver um problema fora do estádio? Como é essa relação fora do estádio? Com outra torcida e vocês estarem fora do estádio? Para a gente começar a sair do estádio e pensar também...

B.H – É. Já passando, agora, para essa relação com outras.

R.T. – Essa relação com outras torcidas, não é?

F.C – Fora do estádio, você está falando...

R.T. – Por exemplo, a Legião e Young fora do estádio, encontrando com outra torcida?

F.C – Do Fluminense?

R.T. – É. Há uma possibilidade dessas...

F.C – Não, não, não.

R.T. – Não, isso se esvazia.

F.C – Não tem problema nenhum. Nenhuma torcida do Fluminense teve problema uma com a outra, nem com os movimentos. O movimento já foi superado. Ninguém [implica] com ninguém.

R.T. – Não entre eles, mas com outras torcidas rivais?

J.M. – Outros clubes.

R.T. – Outros clubes?

F.C – Na verdade, eles são o famoso “povão”. Eles chegam de dois, três. Chegam de carro, de metrô. Eles não têm uma exposição do lado de fora.

R.T. – Entendi.

F.C - Eles não vêm em bando. Chega com o instrumentozinho dele debaixo do braço, reúnem ali na rampa de skate, cantam ali, pulam ali e sobem para arquibancada, Acabou o jogo: “Valeu, um abraço, até mais.” Entra no carro, entra no ônibus, vai de taxi, enfim, vai andando. Um com o bumbo, outro com a bandeirinha, o outro que leva o amarrado de bandeirinhas, entendeu? Não é responsável?

R.T. - [Riso].

F.C – Não é? Enfim, mas “povão”, pingado: “três, quatro”, “três, quatro”, “três, quatro”. Não andam em bloco, não formam... Fazem as festas deles.

R.T. – Não dá para identificar nem um grupo mínimo assim?

B.H – Materiais deles, instrumentos?

F.C – Não. Instrumento é pintado de Fluminense, meio de zabumba de argentino mesmo. Não é aquele surdão, que tem “treme terra” como em torcida organizada. E as bandeirinhas organizadas naquele saco de guarda-sol de praia. Parece que o cara pega a flecha, assim, não é? [Risos] É, aquilo mesmo, elas vem trançadas com aquelas bandeirinhas. Mas chegam ali, cantam, pulam. Fazem festas, churrascos, aniversários, eles se reúnem fora, mas não tem um grupo identificado. Não tem.

R.T. – E também eles usam a camisa do clube. Isso também, na saída, claro...

F.C – Do clube.

B.H – E nos jogos fora, muitos também vão...

F.C – Vão do mesmo jeito. Se botar um ônibus, eles chegam, pedem policiamento e entram. Se for sem ônibus, cada um chega ao estádio de suas pernas.

B.H – Você falou da sua viagem para Cabo Frio. Quando você começou a viajar? Já viajou em 90.

F.C – Viajei logo depois, em 93, 94.

B.H – Que é um grande momento da torcida do ponto de vista de tudo, não é?

R.T. – É.

F.C – É. Foi ali que eu vi, eu falei: “Meu deus”. Eu fiquei assustado. Porque aí você vê o lado da violência, por outro lado você encontra aquelas coisas que enquanto criança, você nunca viu.

R.T. – Você foi “batizado”?

F.C – Já. Duas horinhas dentro do banheiro, com mais uns oito, pelo menos. Eu ficava de quatro no ônibus, com a bandeira em cima, chá de manta e não via quem tinha me batido. É mais ou menos isso. Tinha umas paradas de pagar... Hoje a coisa está mais tranquila. Hoje, se eu boto uns 12 dentro do banheiro, mas também é só isso. Bota o cara para pagar o lanche,

cantar uma música, não tem muita violência, não. Eu já soube de casos de outras torcidas rivais aí, arrancou dente, quebrou nariz, espera aí, não é? Mas fui batizado, cantei musiquinha, e aí tem aquela que é para sacanear, que fala assim: “Você já viajou?” Dentro do ônibus. Aí o cara fala: “Já viajei”. “Foi para onde?”, “Fui para Campos”. “Campos é excursão, tem que ir para São Paulo”. Aí pergunta de novo. [Risos]. “Viagem, em torcida, é Inter, é São Paulo, é Mineirão. Cabo Frio é passeio, é excursão. Apanha de novo.” “Não, não”. Essas brincadeiras assim mais... Mas nada assim, dá para tomar uns “totoques”, mas... Brincadeira.

R.T. – O que é importante nessa brincadeira?

F.C – Não, é uma tradição.

R.T. – Tradição. Todos são?

F.C – Todas as torcidas?

R.T. – Não. Todos os torcedores?

F.C – São.

B.H – Viajou...

F.C – É, viajou, apanhou.

B.H – Tem que rezar.

F.C – É, viajou, apanhou.

R.T. – [Risos]

F.C – É isso que eu estou te falando, tem outras torcidas em que os caras são mais agressivos, sabe? [Mas geralmente] o cara está ali para torcer. Geralmente o cara que nunca viajou, se ele nunca viajou, ele é novo, se ele é novo, eu vou afastar ele da torcida, para o cara não ficar assustado. Teve uma vez que... Engraçado, porque, na primeira vez que eu levei a Mariana para viajar com a Young, foi um jogo em Friburgo, e ela estava saindo do fantástico mundo de Bob, não é? [Risos] Aquela vida dela assim... Não sabia nem que tinha vida... Porque, assim, o padrão de vida dela é... A família é AAA+plus. Então, só para você ter uma ideia, vou fazer dois parênteses aqui para você entender. Uma vez eu cheguei com ela no Maraca, ela sentiu o cheiro de churrasco, ela falou assim: “A carne assada assim, deve estar gostosa”. [Risos]. Eu falei: “Aquilo é churrasquinho!” “Você nunca comeu um churrasquinho?” “Não, assim não”. Uma vez, na época que eu não tinha carro, eu estava na porta do Fluminense com a pochete no ponto de ônibus, eu falei assim: “Presta atenção, nós vamos pegar o 432”. Fica olhando para o túnel, que eu vou pegar o dinheiro. Peguei o dinheiro, ela falou assim: “Está chegando, está chegando”. Eu peguei o dinheiro, quando eu fiz assim, cadê o 432? É um ônibus vermelho, todo vermelho. Passou um azul, passou um amarelo. Eu falei: “Cadê o 432?” Ela falou: “Aqui, aqui”. Ela viu “42” no número de série do ônibus! [Risos]. E não é, digamos assim, “menina tapada”. Ela nunca andou de ônibus! A família dela tem motorista etc. etc. E por aí vai. Estudou no colégio São Paulo, no Gink, ela e o irmão. Então, quer dizer, levei, voltamos. Aí eu levei ao jogo, imagina? Os bichos dentro do ônibus, eu falei assim: “Eu vou ficar atrás do motorista porque eu estou com ela”. Eu falei: “Aconteça o que acontecer, não olha para trás”. [Risos].

B.H – Mas você não era da diretoria, era?

F.C – Era. Foi agora há pouco tempo. Estou com ela há sete. Isso deve ter uns cinco.

R.T. – Ela já foi quantas vezes?

F.C – Em viagens, poucas. [Risos]. [Agora ela vai toda hora], porque ela pega o metrô, desce na porta, mas em viagens, poucas. Fluminense e Friburguense, não é?

B.H – Excursão, excursão. [Risos].

F.C – Excursão, excursão!

F.C – Aí, eu falei: Vamos sentar ali no primeiro, entramos no ônibus e fomos pegar uma galera em Niterói, é caminho, não é? Saí daqui, pega todo mundo e depois para Niterói. Quando chegou em Niterói, a galera entrou, eu lembro que quando pegou a estrada ali, já em Itaboraí... “Agora o batismo do novato!” Ela falou: “O que é isso?” Eu falei: “Não olha para trás, eu falei para não olhar”. E não era aquele ônibus que a porta fecha, é aquele ônibus em que a porta é no meio, com banheiro, desce uma escada. E ela falou: “Não, eu quero ver”. Ela começou a cantar, se empolgou, sentada na cadeira “eu quero ver, rir” não sei o quê. Quando nego foi bater no moleque, ela falou “Não, não”, saiu correndo, abriu a porta na marra e saiu com o ônibus andando. O cara ficou desesperado, já tinha visto dois ou três apanharem, ter que dançar, não sei o quê... Bicho, para explicar! “Mas ele se machucou!” Ela batia no vidro, atrás do motorista “Para, ele se machucou”. Eu falei: “Para, cala a boca”. O que acontece? Tinha Flamengo e Vasco no Maracanã. Aí teve um desgraçado que teve a brilhante ideia: “Os

caras do Flamengo vão cruzar com a gente na estrada”. Aí pronto, começou “Vem ônibus de lá, não para motorista”. “Não!” Aí, “ram”, passava. “Os caras falaram que estão vindo, agora, agora” “Ram”, passava. Eu fui daqui e lá, tenso. Porque imagina se desse um rolo na estrada, em um lugar que não tem nada, só escuta barulho de grilo, entendeu?

B.H – E já deu?

F.C – Já, claro. Acontece.

B.H – Mas com consequências dolosas?

F.C – Não, não. Quer dizer, chegamos em Friburgo, eu tive que voltar no ônibus da Fiel porque eu não ia passar por aquilo tudo de novo, não é? Porque os caras do Flamengo, iam voltar.

B.H – Fiel é tricolor?

F.C – É. Fiel é tricolor. É mais tranquila, é uma torcida em que vai uma galera de família e tal, enfim, vão mais mulheres. Eu falei: “Não, cara, eu não vou contigo porque eu não estava aguentando mais”. Cheguei lá cansado.

R.T. – [Risos]

F.C – Aquela tensão! Eu já estava pensando: “Onde eu vou parar”. “Vou com ela para onde? Vou ficar dentro do ônibus”. “Vão tacar fogo no ônibus”. “Vamos correr para o mato”. E aí? Enfim, mas eu estava falando da...

J.M. – De viagem.

B.H – Da sua experiência de...

F.C – É. Teve uma em que eu perdi um amigo na minha mão, mas não foi briga de torcida. Nós estávamos saindo do Méier, indo para Curitiba, a gente pegou a suburbana, fizemos o retorno lá e subiu a linha amarela. Quando passou na favela do Cardin, perto do Nova América, enfim, por ali, tinha uma subida na linha amarela, tinha uma descida, nego estava trocando tiro. Na época, estava pegando fogo. Uns dizem que foi bala perdida, outros dizem que os caras que era ônibus de galera de baile funk. Lado A, lado B. Não sei, eu não gosto de funk, eu não entendo muito. Eu estava sentado atrás do motorista. Toda hora tem que descer, falar com a polícia que nos parou, descer para ver negócio de ingresso, para pedir escolta, foi ali. Eu escutei do nada aquele negócio: “Tow, tow, tow”. Aquela ideia de você abaixar, não é? Eu abaixei e escutei os vidros quebrarem. O motorista deu aquela balançada e eu fiquei onde eu estava. Sei lá! Passou alguns segundos, começou a gritar: “Pegou alguém, pegou alguém!”. Quando eu olhei para frente do ônibus, tinha um amigo nosso que estava sentado no para-brisa, sabe? Tem o volante, tem o painel. Aí tem aquela caída assim até a porta. Ele estava sentado ali assim, encostado no vidrão, com as pernas balançando, conversando com o motorista e de frente para mim, porque eu era o primeiro atrás do motorista. E ainda tinha o motorista reserva na escada. Sabe aquele banquinho que tem ali? O que aconteceu? A bala entrou pelo vidro da porta e pegou no meio do peito dele. E ele era um negão, forte, tinha 26 anos. Ele era tão forte, que sentado no painel, o tiro pegou nele e ele ficou em pé, de susto. A reação dele, no susto, foi ficar em pé. Quando ele ficou em pé, eu o vi com a mão no peito e balançando. O motorista olhou para ele, ficou nervoso, fez xixi e ficou com olho assim: “ahh”, [porque o outro olhava para ele]. A minha primeira reação foi: Eu pulei, tinha aquela

porta para o interior do ônibus, abri a porta, eu falei: “nem”! E ele caiu em cima de mim. Ao cair em cima de mim, eu o botei de volta, ele sentou no chão, começou a tombar e escorregar pela escada. Mas, assim, toda vez que o coração dele pulsava, o sangue vinha em mim, porque abriu um buraco no meio do peito. Então, fazia assim: “Tum, tuf, tum tuf”, molhava a gente. E ele olhava para mim e falava: “Não me deixa morrer”. E eu: “Não, cara, para, para”. Eu falei para o motorista: “Para”. Aí a gente avistou uma blitz e o ônibus estava andando. Quando a gente imbicou o ônibus, nego gritando da janela “Está baleado”, “Está baleado”. E os caras querendo de fuzil, “para e desce”. “É torcida, vou bater” não sei o quê. E nego gritando: “Está baleado”, “está baleado”. Quando o cara viu aquela situação, eles ficaram sem ação e sem saber o que fazer. A gente começou a gritar: “Vamos levar ao pronto socorro!”. Eu não sei se eles ficaram assustados, eu não sei se eles não quiseram se meter, achando que foi briga de torcida, enfim. Sabe aquela história: “vai me dar dor de cabeça”. Nós o pegamos e o botamos em um blazer, ele tendo convulsão e tremendo. Ele caiu, nós o pegamos e o botamos ele de novo, e “vai, vai”, começamos a gritar e sacudir os policiais. Aí o policial, entrou, nos levou ao hospital de Bonsucesso, mas chegou sem vida. Aí eu fui a delegacia, a viagem foi abortada, na rua do Goiás. Entrou um perito porque eu fiquei acompanhando tudo, eu fiquei lá. Nego foi embora e eu fiquei com o ônibus. O perito queria saber onde que a bala saiu. Porque não tinha um vidro quebrado, tinha o vidro que quebrou porque entrou. Aí ele mediu, botou um policial em pé, tirou foto, examinamos o teto do ônibus, conclusão: A bala saiu pelo quebra vento! Se pega o motorista? Porque ele estava assim. Em um instante, ele deve ter feito meio assim. Ela entrou aqui, saiu aqui, saiu pelo quebra-vento. O motorista de frente para lá, saiu no quebra-vento. Eu lembro que depois eu fui, às 3 horas da manhã, ao IML, porque ele foi transferido do hospital de Bonsucesso para o IML do centro. Eu e o Celso, um amigo nosso. Hoje ele é presidente da Garra, está em outra torcida. Aí entrou uma menina do RJ, falando assim: “Foi qual torcida?” Luz acesa, câmera ligada. Eu falei: “Desliga e vamos conversar”. Conversei com ela, expliquei tudo o que eu te falei agora.

B.H – Se bobear, ela não vai querer mais filmar. [Risos].

F.C - Ela falou: “Ah, desculpa, porque passaram um rádio para gente, dizendo que havia tido uma briga de torcida”. Vamos fazer? Foi até bom porque começou a bombar: “Foi torcida tal, foi torcida tal”. Aí passou no RJ, de manhã, passou no RJ de noite e o mais chato é que a mãe dele ouviu a morte dele pelo rádio lavando roupa.

B.H – Tem quanto tempo isso?

F.C – Tem seis anos, mais ou menos. A mãe dele lavando roupa: “Acidente com a torcida do Fluminense, um baleado, o torcedor Antônio Carlos”, não sei o quê. Eu estava no IML e escuto alguém assim: “Eu quero ver o meu filho!”. Eu não aguentei, eu fui embora. Saí dali. Teve outro episódio, na praça da bandeira, onde outro amigo nosso morreu de tiro.

B.H – De torcida?

F.C – É. A torcida adversária estava dando tiro. E então estávamos atrás do carro, na rua do matoso. Ele falou assim: “Eu vou passar para aí”. Eu falei: “Não vai”. Ele: “Vou passar”. Eu: “Não vai”. Ele passou e o tiro pegou na perna, pegou na femoral, ele não sabia que estava morrendo e estava morrendo. E morreu. Nós estávamos no enterro e a mãe do menino bateu na gente: “Você levou meu filho”. Ninguém tinha levado ele para lugar nenhum. Ninguém falou para ele fazer aquilo. Eu pensei naquilo e falei: “Pô, vou apanhar de novo?” Por que naquela hora, não é, cara? Saí, me afastei. Ela descobriu que éramos da torcida, ela teve outra reação, perguntou como foi e tal.

B.H – No Méier, uma vez, teve um encontro com a torcida do Botafogo, não teve?

F.C - É. Na verdade, não foi encontro. Eles foram lá. É diferente. Porque nós estávamos em nossa sede e eles subiram a rua de nossa sede. É até complicado falar porque, hoje, o presidente da Fúria é o meu vice-presidente da federação e a gente de dois anos para cá virou amigo. Mas foi uma coisa que a gente não pode fugir, não é? Foram lá e foram mal-intencionados e estavam armados. Assim como “o vento que venta lá, venta cá”. Aqueles no início da conversa que eu falei que precisam fazer o comercial, como acontece no tráfico, não é? Você não vê o Fernandinho Beira Mar na esquina da Rocinha. Você vê o soldado, por isso que acontecem essas coisas com menores, crianças, enfim, pessoas do bem, “ele nunca fez isso”. Ele fez, mas a mãe não sabe.

B.H – Você vê pela história do Rafik, não é? Domingo, voltando do jogo do Volta Redonda. Garoto do facebook. O pessoal está dizendo que ele, ele não conhecia.

F.C – É sempre assim. Eles precisam fazer o comercial, isso vai passando, vai passar décadas e não vai mudar. Eles precisam fazer o comercial. E só dessa forma. É igual o tráfico: “Eu sou o gerente, tem que ter a história, [inaudível] nas costas”. Não que eu conheça esse lado, mas é o que a gente entende. Que funciona assim, a gente sabe, não é? Ainda mais no Rio de Janeiro, o jeito que são as coisas. E aí sempre pega esses buchas, que precisam fazer o seu comercial. Mas não foi um confronto combinado. Estávamos em nossa sede bebendo e “Estão chegando”, “Estão subindo”.

A gente não se pre...

B.H – Você estava?

F.C – Estava. A gente não se organizou para fazer mal a ninguém. Mas aí é aquela história, como eu vou segurar 1.000? E os caras entrando! Uma coisa é falar assim: “Os caras estão bebendo em tal lugar”. “Não vai lá”. Outra coisa é falar: “Os caras estão vindo aqui!” E aí?

Então, infelizmente... A gente também teve um problema com um rapaz nosso que até hoje toma um remédio de epilepsia, porque tomou seis paralelepípedos na cara. Pegavam assim e jogavam de novo.

B.H – Nesse dia?

F.C – Nesse dia. Ele não ficou bobo, mas ele ficou com problemas. De vez em quando, ele surta.

B.H – E, em algum momento, você já pensou em desistir de torcida por causa disso?

F.C – Não. Não consigo.

R.T. – A torcida é tão importante quanto o time?

F.C – É uma junção das duas coisas. Porque assim: Eu não me vejo longe da festa. Não dá. Tem até uma comunidade no Orkut que é assim: “Hoje eu não posso, eu tenho jogo”. Porque eu perco o dia, mas eu perco o dia feliz. Confesso que tem jogos que: “Pô, mas, hoje tem jogo e está frio, está vazio, não tem ninguém. Podia estar comendo uma pizza.” Mas estou lá. Eu reclamo, mas não deixo de ir. Eu estou na torcida há 20 anos. Há 18 anos filiado. Mas há 20 anos participando. Se eu disser para você que eu perdi cinco jogos, é muito, aqui no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Não me vejo longe, sem exagero nenhum. Eu vou te falar uma aqui que é triste, mas é verdade. A minha mãe morreu e eu estava subindo a rampa do Maracanã e eu fui ao enterro depois do jogo. Éramos só eu e ela. Ela está morta, cara! “Corre aqui para você fazer uma respiração boca a boca”. “Vai salvar a sua mãe.”. Ela está morta. Se eu tivesse em Friburgo, eu ia demorar duas horas para chegar. Foi um Fla-Flu.

R.T. – Você já teve medo nesse período todo?

F.C – Já. O pessoal de Niterói, eu era moleque, estava entrando e aquela história de participar, de querer fazer o comercial. A Young Flu de Niterói se reunia na Rodoviária, na rua Barão do Amazonas, ali em Niterói. Eles reuniram umas cinco pessoas, passou um cara com a camisa do Vasco, da Força Jovem. “Ué, vamos pegar”. E quando nós viramos a esquina, tinha para mais de 100. Aí correu cada um para um lado. Eu corri para a rua Barão do Amazonas. Quando eu dei três passos, eu escutei assim: “Para!” Eu vou parar? Mas aí eu escutei: “Buam... Buam”. Aí eu virei a primeira rua à direita, virei, olhei assim, coisa de segundos, eu vi três casas de muro baixo. Eu meti a mão no muro e “pluf”, onde eu caí, eu fiquei. Aí escutei os passos. “Vai lá, está para cá”. “Vamos atrás do outro, vamos pegar os outros”. Eu fiquei 1 hora no mesmo lugar sem me mexer. Sem me mexer. Eu falei assim: “E agora? O que eu faço?” “Estou dentro da casa da mulher.” Saí da casa que tinha quinta, bati na porta dela: “A senhora me desculpa”. Eu bati na porta dela, dentro da varanda! “Eu estava passando aqui, escutei uns tiros e pulei para dentro da casa da senhora.” “Não, a rodoviária tem muito assalto”. E tinha mesmo, nego roubava mala, essas coisas, naquela época. Eu lembro quando a gente viajava no carnaval, essas coisas, saía um atrás do outro, moleque. “Mas você pulou onde?” “Eu pulei ali no quintal, ali”. “Você não se cor...” Eu fiquei uma hora em cima de roseira! A mulher tinha um emaranhado de rosas assim, parecia trepadeira, mas era rosa. Quando eu olhei, eu estava todo sujo de sangue, cheio de espinhozinho. Ela falou: “Meu filho, você está todo sujo, vai no tanque”. Eu fui no tanque dele, atrás da casa, lavei-me. Quando eu olhei, eu estava todo sujo de xixi. Eu fiz xixi e não senti. Com 15, 16 anos. Porque eu nunca tinha vivido aquela situação. Aquele tiro era para mim! Eu não sabia se o cara estava dando para o alto. E era engraçado, que quando eu andei pela rua, as pessoas olhavam para mim com olho arregalado e pulavam para o canto. Eu falei: “Se eu entrar em um bar, nego vai me cercar”. Então eu corria em direção às pessoas, as pessoas pulavam para o outro lado. E eu falei: “Pô, é para mim.” Eu falei: “Eu vou sair”. Disfarcei, tirei a blusa da Young, botei uma blusa que estava amarrada na cintura, tirei o boné, botei de baixo do braço para passar mais batido, não é? E ela me levou até a porta, me deu água. Quando eu cheguei na porta, a vizinha de um prédio em frente falou assim: “Fulana, o cara estava dando tiro nele”. [Risos]. Só que a velha não escutou, ela falou: “Ah, não, já cuidei dele, estava

assustado.” Quer dizer, ela não entendeu o que a velha falou e a velha ficou quieta porque ela respondeu!

R.T. – [risos] Deu tudo certo.

F.C – E eu olhava para a velha, bicho. Fiz assim para ela: “Desce”. Aí eu peguei um ônibus, peguei o “31”, que me deixava perto lá do Beltrão. Quando eu cheguei ali na Amaral Peixoto, na esquina onde tinha um Itaú, não sei se tem até hoje.

J.M. – Tem.

F.C – Os caras todos sentados ali em baixo. Mas eles já não estavam nem aí. Eu [abaixei] na cadeira do ônibus, sinal fechado, eu já comecei: “Pai nosso que estais no céu...” para o sinal abrir, não é? Porque os caras não estavam olhando para dentro do ônibus, mas eu estava errado, então eu estava com a consciência pesada. Foi assim: Medo foi a situação que eu senti. Foi essa. Eu era moleque, foi uma situação em que eu...

R.T. – Mas isso não te impediu de voltar? De continuar?

F.C – Eu estava domingo no jogo, contando a aventura.

R.T. – Isso faz parte?

F.C – Faz.

B.H – Esse confronto de galera assim, sempre [acontece]?

F.C – Ah, já vi muita coisa. Já fiz muita besteira. Só que o que acontece? Eu não sei se foi deus, se foi o destino, mas as coisas me levaram para um lado em que eu não posso brigar porque sou eu quem fala com a imprensa, só eu quem fala com a polícia. Como eu vou chegar a um lugar, vou brigar e vou conversar com polícia? Então, desde que o Ari me passou aquela atribuição do lado Social, eu não podia! O que eu vou falar se a minha cara estiver no jornal brigando com pedaço de pau, preso? Como eu vou falar com o jornal, no dia seguinte, no Fluminense, em nome da torcida? Como eu vou falar com o policial? Como darei entrevista em campanha social, se eu tenho aquela fama de bater em todo mundo? Um exemplo, entendeu? Então, eu estava, mas não estava. Eu estava, mas não estava lá na frente, eu não participava, eu sabia da coisa, eu via a coisa acontecer a 30 metros, mas só desviando das pedras. Porque eu ficava preocupado com isso. E depois morreram os meninos, eu falei: “Pô, imagina, cara?” “A minha mãe, a minha avó”. Na época já era a minha mãe e a minha avó. “Imagina?”. Teve outro que uma vez no basquete, o cara estava atrás do carro, com uma perna de três, sabe? Um cabo de inchada! O cara passou correndo, o cara foi na perna dele e quebrou tibia e perônio. O cara botou aquele ferro, perdeu o emprego, ficou sem dinheiro, a torcida ajudou, deu remédio, mas, sabe? Um exemplo, o cara ganhava R\$1.000, a torcida deu R\$150 para ele. Eu ficava com aquela coisa na cabeça, que foi, inclusive, o mesmo menino que tomou o paralelepípedo na cabeça. Então, quer dizer, eu ficava pensando nessas coisas: “Caraca, e aí? Como eu vou trabalhar?” Eu comecei a não me envolver porque no início, a briga estava aqui, eu estava lá na frente, eu chegava primeiro. Mas aí eu fui vendo as coisas acontecerem, eu comecei a ficar... Eu comecei a pensar no depois, entendeu? Na briga, nego não pensa no depois. Quando o Ari me passou essas coisas, aí sim eu dei um monte de passos para trás e fiquei na segunda linha. Ali não me dava medo. Ali em nunca tive medo porque eu sempre confiei em quem estava na frente. Tinha uma parada em que a gente falava assim: “Se eu avançar, me siga. Se eu parar, me observe. Se eu recuar, me mate.” Então eu sabia que quem estivesse ali na frente, não iria chegar em mim. Você vai ficando mais velho, você vai chegando mais para trás ainda. Tudo o que aconteceu, eu estou. De 20 anos para cá, tudo, tudo... Problema com o Botafogo na linha Vermelha. Jogo de Juiz de Fora, tudo o que você imaginar. Eu tenho foto de tudo. Agora, digital. Eu tenho de revelação. Eu tenho foto de tudo.

Eu tenho 20 anos de Young Flu fotografo, porque outra coisa que eu gosto muito é câmera. Eu ganhei uma pequena ainda, *Yashica*: “Trac”. E eu sempre levava aquilo de baixo do braço. E levo até hoje, para onde eu for, eu levo câmera. Então, eu tenho muita coisa, muita coisa que ficou na sede, que eu peguei, que não era meu. Nessa mudança da sede, que você foi, era outra, eu catei, porque eu sabia que iria sumir. Então, eu tenho bastante foto, que não é nem minha. Tenho muito coisa. Digital, então, nossa senhora!

[FINAL DO ARQUIVO 2]

B.H – Você contou esse caso do despreparo da polícia. A relação da polícia com a Suderj, com a Federação e a ideia de criar a Ftorj. Com foi isso?

F.C – Vamos lá. Antigamente, tinha um problema grande com a polícia, porque era instruído para prender bandido. Para lidar com bandido, com o fora da lei, ele aprende isso. E aí você bota ele para tomar conta de um cara que ele acha que é fora da lei. Então ele vai agir como se ele estivesse agindo com o cara fora da lei. Em São Paulo, acontece muito disso. É carioca e ainda é torcida? Então, eles... Quando se criou o Grupo Especial de Policiamento de Estádio – o Gepe -, a coisa melhorou muito. Eu vou muito além, eu digo que o GEPE é exemplo.

B.H – Coincide quase com o seu início na Young. Em 91 que foi criado.

F.C – É. O que passam para a gente é que ele não aparecia muito. Que ele não participava, ele não atuava. Era só uma coisa de policiamento. Só para você ter uma ideia, para você ver como é que era o despreparo: Uma vez eu estava vendendo ingresso na descida da rampa do metrô, onde tem aqueles pilotis de cimento, no acesso. Ali ficava uma corda, para nego não ficar colado na grade, no portal, e os caras da Suderj sabiam que ficavam uns dois, três, ali atrás vendendo ingresso. Uma vez eu estava vendendo ingresso ali, eu estou vendo os PMs se movimentarem e rodarem e rodarem, eu não estou fazendo nada de errado... E rodarem, rodarem, rodarem, até que os caras vieram com a arma em punho: “Está preso”, “Está preso”, “Está preso.”, “Põe a mão na cabeça, não se mexe, que eu vou atirar”. Só faltou nego me

descer de cabeça para baixo, de corda, porque fizeram uma operação de guerra. [Aí a outra moça]: “é cambista”. Eu tive que ligar, já tinha o Gepe, chamar o Major Marcelo, que tinha um bom entendimento. Mas o Major Marcelo, coitado, saiu lá do campo, veio correndo: “Larga o menino!” Já estava indo em direção a polícia porque os caras estavam achando que nós éramos cambistas. Aí eu fui saber que o policiamento de fora era deslocado, era assim: Prestação de serviço. Fui olhar o batalhão do cara, o cara era do batalhão de Friburgo! Já veio ao Rio... Hoje eu nem digo que seja assim, mas, na época, o cara prendia ladrão de galinha, briga de bêbado... Hoje não. Hoje eu acredito que tenha tráfico lá, já tenha coisas grandes. Mas, na época, era isso. Batalhão de interior prendia bêbado, roubo de galinha, de marido e mulher. E o cara veio para o Rio com aquela coisa de tráfico, não sei o quê e não tem a mínima noção do eu estava acontecendo. O cara prendeu a gente. Não teve desenrolo, não teve nada. Prender dois, três e vamos embora. Se eu não consigo falar com o major, eu ia para delegacia. Então, o Gepe, hoje, é um grupamento exemplar, tanto é que nos dois seminários de torcida organizada, ele foi citado como exemplo, por nós – torcida organizada – e pelo próprio policiamento. Pelo próprio ministro dos esportes, que quer levar isso aí para uma polícia padrão, de estádios no Brasil, através do Gepe. Porque o Gepe chama a gente pelo nome, o Gepe sabe onde são as sedes, conhece cada um, sabe até quem faz arruaça. E a torcida visitante, que é muito importante, se você for uma torcida honesta, se você mandar um requerimento dizendo que ela vai chegar, eles vão te pegar lá em Queluz, lá na descida da serra, fecha a rua, faz o que for, bota você pelo estacionamento, pela piscina, compra ingresso por dentro, leva você até lá e isso não tem nas outras... Tem estado aí que o cara fala: “O caminho é ali, vai.” Porque, aqui, eles protegem o visitante porque eles entendem que os caras não conhecem, são as supostas vítimas. Nos outros estados, em sua grande maioria: “Esse safado veio de longe”. “[Inaudível] pessoal daqui”. E aí faz tudo aquilo de errado que vocês estão cansados de saber: Pouco caso, agressão barata, prisões sem necessidade, ficam cutucando para você se alterar e ser pego em um delito, enfim.

R.T. – Qual a viagem mais complicada, Flávio?

F.C – São Paulo e Minas.

J.M. – São as mais frequentes ou não?

F.C – São as mais frequentes.

J.M. – Por que são as mais complicadas?

F.C – Porque é fácil acesso. Então geralmente você vai grande, tem menos policiamento e são times grandes também. Então são times que tem uma massa grande: São Paulo, Corinthians, Santos, Atlético, Cruzeiro. Claro, tem também as torcidas que são dos times pequenos: Grêmio, Barueri – agora Prudente -, enfim, aí não tem problema. Ponte Preta não tem problema.

R.T. – Onde estão os problemas aqui e fora daqui?

B.H – Agora a aliança da Young é com a do Guarani, não é?

F.C – Com o Guarani, é.

B.H – Um pouco antes não tem problema? [Inaudível]

F.C – Não tem problema. Que eu digo é na questão da quantidade. Não tem problema com a do Guarani porque eles veem o Guarani, os caras vão com a gente. Mas não é alguma coisa problemática. Por exemplo, se for um Flamengo lá, não tem problema. Não tem grandes

problemas. Claro, e, todas as torcidas tem os valentes. Mas, os grandes problemas estão no Morumbi, no Pacaembu, muito cheio. E é o tal negócio, às vezes, vai na maldade. Uma vez a polícia botou a gente para descer o Morumbi, no Fluminense e São Paulo na Libertadores, pela frente do Morumbi, o que você acha que aconteceu? Eu não vou julgar ninguém, não vou dizer que alguém estava mal-intencionado, mas, pô, você passar no meio dos caras? Por exemplo, se você pegar aquela contramão que tem lá de cima e descer lá em cima na entrada dos visitantes, eu garanto para você que o Gepe não faria isso. Então, em relação ao Gepe, é exemplar.

B.H – Isso com o Major Marcelo?

F.C – Começou com o capitão Edmilson, que faleceu. Major Marcelo, Busnello, Luiz Otávio e Malheiros. Toda essa geração aí... Depois o externo ficou para o 6º batalhão. Então, também, foi-se criando um vínculo. O 6º era ali da Tijuca, já houve uma integração Gepe-6º. O 6º estava junto com o Gepe. Tem o Gepe externo fazendo escolta das torcidas, quer dizer, o cara já está ali no fervor da coisa. Então, melhorou muito. Quando era policiamento destacado, Macaé, Friburgo, Niterói, o cara não tinha o mínimo tato. Federação? Pouquíssimo contato. Na Ftorj, nós já fomos lá. Às vezes, o Gepe faz algumas reuniões na federação, mas com a federação em si, como a gente tem com o clube e com o Gepe, nenhuma, nenhuma, nenhuma. Sabe quem é o presidente e tal, mas não tem aquela coisa de você pegar o telefone, marcar uma reunião.

B.H – Suderj? Suderj é um pouco [...]

F.C – A Suderj já teve mais, na época do Chiquinho, mas, agora, o Gepe está resolvendo as coisas. Então, às vezes, o ofício era para a Suderj, entrar em campo era com a Suderj. Hoje em dia você manda para o Gepe. Na época do Chiquinho, ainda tinha algumas coisas, você quer entrar pelo túnel com alguma coisa, ofício na Suderj. Hoje só a gente quiser fazer

alguma coisa no telão, como a gente já fez uma campanha social em que a gente colocou junto com a *ActionAid*, que é uma ONG mundial contra a fome em que a gente fez um videozinho, foi até eu quem fiz. Aí a gente colocou no telão antes para participarem da campanha, fizemos uma campanha no Maracanã. Aí você chega na Suderj. Mas tirando isso também, alguma coisa em campo, uma festa, quando for centenário, quando como a gente entrou com o bandeirão, tem que mandar um ofício, mas também nada de dia a dia, não. Primeiro contato mesmo é o Gepe. O que você perguntou antes? Ftorj?

B.H – Ftorj. Ideia do surgimento?

F.C – Foi o mesmo princípio das torcidas do Fluminense quando estavam brigadas. A gente precisa gritar junto. Quando grita separado, vem o vento e leva a reclamação. Foram muitos problemas, no início, porque “eu não sento com fulano na mesma mesa”. Até que se conseguiu juntar. Aí nego ficava rosnando, olhando de lado...

R.T. – Mas como foi? Surgiu de alguém? Partiu de qual lado?

F.C – Na verdade, os anos 80 tiveram a Astorj e aí ele puxou um pouco desse entendimento. Poxa, tinha o seu Armando, tinha a Helena, [inaudível], a enfim. E os caras conseguiam muito mais coisas. “Vamos sentar, vamos conversar”. E aí o Gepe começou a atuar mais severamente e começaram a ter muitas brigas, muita coisa extrajogo. Tenta falar com fulano, não tem mais contato com outro. Aí sentamos lá no amarelinho, no centro, que a gente chama de batcaverna – porque o amarelinho do centro tem uma parte debaixo da escada que tem um cercado e tem umas quatro mesas abaixo da escada, a gente chama de batcaverna e tem a parede, ninguém vê, quem passa na rua, não vê- [Risos]. Começaram a vir três, quatro, três, quatro e nego não sabia o que iria acontecer, não é? Será? Foi-se criando umas opiniões tentando fazer um documento, tentando criar um entendimento, pelo menos um responsável, foi acontecendo em alguns meses e criou. Criou-se uma diretoria meio que um representante

e passaram alguns meses, foram-se defendendo algumas causas meio na dúvida, “sei lá, vou contar com esse cara sozinho”, “não sei”. Teve até um episódio engraçado: Acabou a reunião, o cara falou de uma torcida para outra, rivais, falou assim : “E aí, cara , vai para Tijuca? Pô, eu te levo de carro”. “Não, vou de metrô...” [Risos] “Não! Eu te levo de carro.”. Aí o outro falou assim: “Aqui, eu vou falar onde eu moro?” [Riso]. E aí foram eleitos os representantes de cada uma para não ter que levar aqueles 30! Aí as coisas foram andando porque graças ao bom deus, caiu de paraquedas pessoas que tinham o mesmo pensamento. Pessoas que tinham um bom nível cultural, as pessoas que tinham a vontade de fazer a coisa. E aí se criou uma diretoria, foi-se fazendo um estatuto, foi-se fazendo uma regulamentação, aí veio o primeiro seminário de torcida organizada em São Paulo no ano passado, confiado pelo Ministro e tal... E a gente pensou: “Vamos chegar como federação?” Quando a gente fez a inscrição, a gente colocou dois advogados representando a federação, que são de torcidas organizadas – um é da Jovem, o outro da Fúria -, ficaram como advogados da federação, mas que são como nós, só que de terno e gravata. Nós fizemos uns bordados e replicamos na camisa, nem estampamos, replicamos com alfinete, aquela coisa meio improvisada, distribuimos no aeroporto. Quando nós chegamos em federação em São Paulo, nego falou: “Ah? Federação?” Porque tem 20 anos que está para sair o MTO em São Paulo e ninguém se acerta. E os caras querem comprar estrutura, investem em escola de samba, enfim, tem aquela renda toda e os caras não se acertaram porque uma é mais velha, a outra é mais bonita, a outra é melhor, a outra é não sei o quê, a outra representa mais, não se acertaram. E dentro do seminário, o ministro pegou a gente e falou: “Tum! Eu quero conversar com a federação, eu quero receber a federação, uso o advogado da federação”. “Vamos fazer uma carta de protesto contra o estatuto... Advogado da federação”. E todo mundo veio para a gente. A gente saiu do seminário: “Meu deus, a gente não pode parar, a gente tem que se acertar, a gente tem que oficializar, tem que se fazer uma coisa”. A gente começou a dividir, “quer pegar aqui?”, “quer pegar ali?” e “vamos criar ideias”. O ministro falou assim: “Tragam-me soluções, problemas eu tenho um monte”. Baseado no estatuto do torcedor, a gente fez algumas defesas, fomos a Brasília como federação, criamos uma logo do dia para noite, fizemos carta e levamos a Brasília e o ministro abraçou a gente e falou: “Vocês podem contar comigo, porque é isso que eu quero, entendimento, vocês mesmo ajudarem a mudar o futebol, porque tem que ser vocês se não a gente não consegue”, e aquilo foi dando gás na gente. A gente se reunia semanalmente, criamos o estatuto, fizemos uma diretoria, distribuimos cargos,

chamamos dois advogados, chamamos um rapaz comercial, chamamos uma menina que cuida de imprensa e internet, montamos um corpo, quando a gente se mostrou, choveu coisa boa: Imprensa, projeto, começamos a participar, criamos o nosso seminário, a gente ainda não conseguiu patrocínio, mas a gente tem o seminário pronto. Porque a gente deu falta de sorte, se filiar a uma ONG que estava querendo usar a gente e a gente só descobriu aos 45min do segundo tempo. Porque elas disseram que tinham isso, isso, isso e isso. Até o Zé Maria comenta: A gente, burro velho, cansamos de dar “volta” nos outros dentro no Maracanã e cai em uma dessas! Os caras diziam que tinham isso, isso, isso, o cara tinha uma salinha em outra empresa e quando a gente botou na mesa, os caras não tinham nada e “Não, a gente estava contado com vocês”. Tínhamos um monte de patrocínio, o seminário estava pago ao ponto da gente criar o seminário, eu reservei 40 quartos de hotel em um hotel no Rio de Janeiro, distribuí convites a todas as torcidas organizadas e depois eu pedi desculpa porque a gente não ia fazer o seminário.

B.H – Seria o desdobramento daquele primeiro, é isso?

F.C – Exatamente. Eu tive que segurar uns dois ou três aí porque deu vontade! Porque os caras usaram a gente, bicho! Até dentro do custo do evento, tinha receita de projeto de administração, de logística, mão de obra e nada para a gente! E cinco paus para cada um deles lá. E a gente no amor, bicho! Passamos dia e dias conversando, vendendo trabalho, pagando almoço do nosso bolso e os caras. Então não saiu. A gente ficou com cara de tacho. A gente montou um seminário, montou logo... “Segundo seminário organizado pelas torcidas do Ftorj”, mandamos convite! Eu reservei hotel, cuidei sei lá... Fiz orçamento de passagem, reservei passagem com uma agência parceira, enfim. Aí a gente começou a fazer um monte de projetos, apareceram projetos, a gente começou a ganhar corpo e imprensa, aí surgiu o segundo seminário. Quando surgiu o segundo seminário, agora é assim: “Fala com a Ftorj”. Nós criamos um stand, criamos as metas, distribuímos para todo mundo, fizemos um banner, sentamo-nos à mesa de abertura, aí sim, já “gente grande”. Hoje, agosto de 2010, a gente está negociando uma coluna no Lance – não era nem para falar, mas falei –[riso], fechamos uma parceria com a universidade Castelo Branco de curso profissionalizante para todo filiado das

filiadas da Ftorj terem esses cursos profissionalizantes, o que a gente chama de “tirar o cara da lama”. Não é um MBA, é o secretariado, curso de informática, língua básica, Power Point, Excel, auxiliar administrativo, coisas assim. E já vislumbrando um pouco a Copa do Mundo, inglês, guia turístico, tem até um... Porque a Castelo Branco fez um cardápio e a gente falar: “Isso serve”, “isso encaixa”, “isso não encaixa”, é muito específico. Inglês para taxista não vai encaixar. Tem, mas não vai encaixar. Não vai ser uma coisa... E aí a gente está negociando porque tem outro instituto que é parceiro também, é parceiro da Castelo Branco, enfim, e estamos vendo para ver se conseguimos patrocínio para vale transporte, Rio Card, e tal, duas, três por semana, usando a parte logística da Castelo Branco, que é outro projeto também que, se deus quiser... E agora, como eu estava falando com você, fazer o nosso seminário, porque é importante falar isso. Nós fomos chamados para dois seminários para assistir. Para dizer: “Isso não pode”, “isso não pode”, “isso você vai ser penalizado e aqui você vai ser preso”, “valeu e até a próxima”. Seminário de torcida organizado, e nós estamos sentados? Eu só participei da mesa de abertura: “Muito obrigado, agradeço o convite e bem-vindos ao Rio de Janeiro”? Então vamos ver se agora a gente mexe, para que consigamos um patrocínio para a gente poder fazer e a polícia, o ministério público, os sociólogos fiquem sentados escutando a gente. Entendeu? E agora, a última ação – está acontecendo, estamos tocando esses projetos-, mas a última ação agora é o estatuto do torcedor. Eu comi aquilo com farinha, de trás para frente, de frente para trás e fomos a vários debates. E está assim: A gente quer passar para o torcedor os direitos. A federação quer passar ao torcedor, fazer com que o cara saiba os seus direitos: “Ah, não, isso não pode. Se eu for por ali eu estou preso, mas você tem que me oferecer isso aqui”, que é a função. E estamos abrindo também às torcidas pequenas. Leiam-se times pequenos. Não torcidas pequenas dos clubes grandes. Tem um menino, que é do Duque de Caxias, que foi o único das pequenas que participou dos seminários porque o Duque de Caxias está na série B. Então ele está desde o início, ele viajou com o Ftorj, lá no início, quando a gente botou o brochezinho aqui. E agora a gente incorporou ele para que ele faça essa ponte com as pequenas e seja o responsável pelas pequenas. Então já tem 15 torcidas pequenas pré-reservadas porque a gente vai fazer um encontro, estamos tentando com o auditório do Gepe, queria convidar você, quando a gente for fazer, faço questão que vocês estejam lá, até para vocês falarem um pouco também, o professor também – o Morales -, para passar esse lado um pouco humano, social da coisa, e para fazer uma prestação de contas, dizer o que já aconteceu para aquelas que já são filiadas e

incorporar as pequenas para a gente saber o que é, o que não é, porque essas pequenas estão aí boiando e, enfim, vai engordar a Ftorj de uma forma que é um peso, não é? Eu já tenho 10, mais 15, são 25 torcidas organizadas. Eu acho que eu respondi tudo o que você perguntou aí.

B.H – E você vislumbra uma possibilidade de uma Liga ou federação, alguma coisa à nível nacional mais para frente?

F.C – Já existe. No segundo seminário, o governo pediu que fosse feito uma representação. E aí foi até engraçado porque quando o Ministro encerrou o segundo seminário, ele falou assim: “Agora eu vou tirar todo mundo daqui de dentro, vou desligar os microfones, vou levar todo mundo para fora, vou trancar vocês aqui, e vocês me saiam com os sete nomes.” Aí nos reunimos, se você quiser eu tenho foto disso também, isso é um fato importante, histórico. E escolhemos sete nomes nacionais para representar junto ao governo e o governo já fez uma Comissão Nacional de Torcidas Organizadas na qual ele vai discutir com esses e esses vão pulverizar. E, agora, essas pessoas vão ser as pessoas que vão sentar-se à mesa. Então, colocou-se a Ftorj, para haver um rodízio, eu não posso ir, vai o outro, mas é a Ftorj, todos os quatro são membros, daqui da FTORJ todos os quatro são membros da comissão, mas para a comissão é a FTORJ. A Galoucura está representando Minas; a Gaviões, por São Paulo, a gente escolheu do Sudeste porque não tem como deixar Minas fora, Rio fora e São Paulo fora. O Atlético Paranaense e a camisa 12 do Inter; O Goiás; O Ceará e o Paissandu, o Cearamor e a tribo Tricolor. Já fizemos logo, já catalogamos todo mundo, tem até uma logo bacana que é a bandeira do Brasil e agora a gente está tocando junto ao governo, fomos a Brasília, tem o pessoal do diário do Ministério da Justiça, que já está [papeando]. Só que, assim, é muito bom, mas por que não fizeram isso quando estavam criando o estatuto? Por que não fizeram isso quando criaram essa orelha? Porque o estatuto não tinha esse entendimento para 2003, mas essa orelha aí, esse acréscimo que o Lula assinou e são aos acréscimos que se você torcer, cai sangue porque é só “não pode ‘preso’, ‘morto’, ‘matou’”. É só isso que tem ali. Essa foi uma grande briga nossa, porque estávamos pedindo uma audiência pública. Como você faz um projeto de lei – uma lei, sei lá como chama isso – e não chama os caras que vão participar daquilo ali? Foi aí que eu achei que houve um pouco de

sacanagem, porque eles “tocaram”, “tocaram”, “tocaram”, quando chegou à posição, eles falaram: “Os caras não alcançam aqui”. Agora vão precisar? Aí avisaram. Quando a gente fez essa comissão, quando a gente fez a Ftorj em que a gente foi a Brasília pela primeira vez, a gente foi para levar uma defesa em cima desse estatuto, principalmente 39 a e b, que culpa a torcida pelo torcedor. E é inconstitucional criminalmente isso, não é? A gente fez uma defesa, tem a defesa lá. O advogado pegou o artigo, escreveu sobre aquele artigo, defendendo: “É assim por causa disso...”. E levamos lá. Quando a gente foi chamado a segunda vez para ir lá, que foi até meio um papo: “Corre porque a parada vai ser assinada”. Nós fomos lá e batemos em deputados, senadores que são envolvidos com futebol, com torcida, com jovem... Para os que estavam lá, diga-se de passagem, [Risos], explicaram: “Ah, porque o promotor já passou aqui, eu já dei o parecer, vai ao fulano”. Íamos ao fulano. Dois dias fazendo isso! Quer dizer, o promotor foi lá... “Os caras são bichos, se matam, são feios, comem meleca e assina aí”. E a gente quando chegou... “Já despachei”, “Já despachei”. Você pegava o processo e estava “despachado não sei aonde”. Aí corria para outro: “Despachado não sei aonde”. Até que o Lula assinou do jeito que eles queriam. Mas a gente não teve uma audiência pública, não teve nem como dizer: “Posso falar?”.

B.H – É. Por um lado eles reconheceram, fizeram... Por outro, [sobressaiu] as funções deles.

F.C – Porque, na verdade, é o seguinte: Quem defende a gente tem que ser justo. Quem balança a nossa bandeira é o Ministro Orlando Silva, porque ele peitou todo mundo, fez o primeiro seminário, nego falando “Está maluco!”. “Os caras vão se matar, tancar fogo no hotel!” E quando a gente se reuniu antes do seminário do lado de fora para falar: “Ó, gente, agora é todo mundo porque se não vai acabar”. E a gente entrou rindo, brincando e saímos de noite para brincar, para comer e voltamos e fomos para a quadra da Gaviões, depois do seminário, inimigos mortais na quadra da Gaviões: Força Jovem, Macha, independente... Dentro da quadra da Gaviões! E todo mundo respeitando, os caras arrumaram cerveja, salgadinho... O Paulo Castilho chegou lá com o pessoal da polícia em São Paulo...

R.T. - Tem foto? [Riso] Isso é histórico, a Mancha...

F.C – Tem! Tem vídeo!

R.T. – Isso é realmente... Eu fiquei aqui... [Risos]

F.C – Quando o Paulo Castilho bateu na porta e abriu a porta, e estava todo mundo ele fez assim... E saiu! E foi daí que a gente partiu para Brasília e tal... Quer dizer, tem que ser justo com o Ministro e tem que ser justo com o Paulo Castilho, que correu na frente. Ele é o principal responsável por não ter dado tempo, promotor de São Paulo: Paulo Castilho. Enfim, tem que ser justo. Eu não estou julgando a pessoa, eu não estou falando mal dele, mas ele meteu debaixo do braço e saiu correndo. Foi assinado do jeito que eles queriam, mas já escutei: “Mas isso não é bem assim”. “Mas esse é maleável”, “Esse artigo tem bom senso”, resumindo, se o policial for com a sua cara, não tem problema, se ele for bom de ideia, não tem problema. Enfim.

B.H – É, está dentro também de um próprio marketing do governo pré-copa, quer dizer, tem um *mise-en-scène* para dizer à sociedade que eles estão fazendo alguma coisa.

F.C – Só que o caminho está sendo errado. Por quê? Porque o Brasil é o país do futebol e quer que o torcedor torça como na Europa? Se eu sou o país do futebol, se eu faço a festa, se eu sou visto no mundo todo, se eu tenho tantos títulos mundiais, o cara tem que levar a minha festa para lá! Ele não tem que trazer a cultura de lá para cá. Saiu o gol, o japonês faz: “Ohh”. O europeu, o inglês, balança o lencinho?! Então tira o alambrado que eu quero ver? Na Inglaterra não tem alambrado. “Ah, não, tem que sentar na sua cadeira.” Está bem, eu vou sentar na minha cadeira, mas eu vou estar com um treme terra desse tamanho na minha frente, estou na minha cadeira. E aí? Sabe... São umas coisas assim... Claro, violência? Claro,

vamos punir. Brigou? É safado? Roubou? Vamos punir. Cambista? Vamos punir. Agora, sabe, “não pode fogos de jeito nenhum.” Eu quero ver se na abertura não vai ter aquele “pow, pow, pow” em cima do estádio. Ah, eu é que não posso ter fogos? E eu que sei manusear. Então, quer dizer, aquelas coisas, sabe? “Ah, não pode isso, não pode aquilo”. Eu quis tentar entrar com extintor de CO2 para jogar papel picado para o alto, não pode CO2 porque eu vou fazer um lança chamas com CO2... Está maluco? Até agora ninguém, eu vou fazer agora? Então, quer dizer, querem empobrecer a nossa festa. Fazem tanto pela Copa do Mundo, mas querem empobrecer a festa. Querem acabar com a festa. Porque tudo o que perde é a festa. Até a hora que a patrocinadora do espetáculo falar: “Está muito feio, não consigo anunciar aquilo não, ninguém está comprado nada”. Aí eu quero ver. Aí pode tudo, mulher pelada dançando... E são situações que eu acho chato, eu acho que perde o espetáculo, perde o... Aí falam para a gente: “Ah, não, mas o público de Copa do Mundo não é o público do Maracanã, não é o público do estádio”. Mais um motivo! O que uma coisa tem a ver com a outra. Dizem que agora, no Maracanã, que o camarote vai sair lá de cima e vai entrar onde está o alambrado. Eu vou botar a faixa por cima da visão o cara? Conclusão, eu tiro a faixa? Sabe! E aquele colorido todo, vermelho e preto, verde e amarelo, preto e branco... Você quer bonito? Que faz festa? “Tira o papel picado”. “Não pode fogos”. “Tira a faixa”. Ficam querendo fazer o Brasil de Europa. Não faz, cara. Não é assim que vamos moralizar. Você vai entrar em um buraco sem fundo porque você vai lá ao governo que não oferece cultura, não oferece educação, sabe? E não oferece não sei o quê... E a violência, ninguém pune ninguém... E o corrupto, e o mal político, o mal PM, enfim... Aí culpam a torcida organizada porque o país está assim? Nego briga no Maracanã, então todo mundo aqui é lorde? Só a torcida organizada é quem faz bagunça? Quer transformar o futebol na Europa, cara! Não vai fazer, bicho. Vai calar aqueles que não tem culpa. A moralização não é na torcida organizada, não. A moralização do futebol, do país é “para de armar resultados”, “de juiz corrupto”, enfim, interesses, patrocínios, empresas que tem o monopólio do futebol, que ficam com o clube aqui – porque tadinhos dos clubes que são mal administrados – porque só tem sacanagem, ficam dependendo daquela cota disso, daquilo, daquilo outro e não pode ofender o patrocinador se não ele vai embora. Sabe? Então, quer dizer, o cara não tem gerência sobre nada. O cara fala: “Eu te dou R\$10, mas você tem que comprar de bala! Você não pode comprar de picolé.” “Mas você não está me dando?” “Não. Estou te dando para você comprar bala!” Aí você vai cavando, aí são três dias [de entrevista], haja fita! [Risos]. Entendeu? Não

é torcida organizada que é culpada disso tudo, não. E não adianta amarrar a torcida organizada, porque só vai perder a festa, perder o futebol. Não é?

R.T. – E como você acha que os torcedores das torcidas de uma maneira geral estão recebendo essa articulação entre as torcidas organizadas? A criação da federação...

F.C – Em princípio, negativamente. “Você está com esse cara?”. “Está saindo com esse cara?” “Está amigo desse cara?” “Esse cara está na foto contigo, tira”. Eu já escutei isso. Mas, ao longo do tempo, as coisas vão acontecendo. As pessoas vão entendendo. Aqueles que não entenderem... Paciência. Eu tenho um ideal, eu tenho um objetivo, eu estou chegando aonde eu nunca cheguei. Levando a minha torcida aonde eu nunca cheguei. Aonde eu nunca imaginei chegar. Então, hoje, depois de dois anos de fato e um ano e meio valendo a Ftorj. Dois anos de fato e um ano e meio registrado, mais ou menos. Nós somos amigos, as mulheres se conhecem. E aí eu já me peguei várias vezes, isso até me deixa um pouco... Eu olho para o cara e falo assim: “Pô, eu briguei contigo, bicho!”. E hoje ele é o meu amigo. Por que que não podia ser tudo assim? Às vezes, nego está conversando, nego sacaneando, eu estou olhando para o cara e falo: “você era o meu inimigo, bicho!”

R.T. – [Riso] Dá um nó, não é?

F.C – É. Porque era inimigo, cara! Inimigo, no sentido da palavra! Não era adversário. E eu fico... A gente sai com as mulheres, são brincando, e conversa e ri, conta história, sacaneia e parece que éramos amigos de infância. Eu não quero perder isso. Não quero.

B.H – E não tem resistência na Young? Por exemplo, isso é uma coisa que o cara está fazendo...

F.C – Tem. Tem em todas elas.

J.M. – O que está mudando? Está partindo de vocês para dentro da torcida? Sobre esse convívio.

F.C – A briga.

J.M. – Está reduzindo?

F.C – Está. Em parceria com o Gepe. A gente não está fazendo milagre, mas a parceria com o Gepe, o grande conflito - outro dia estávamos falando disso no debate -, o grande conflito, aquele conflito de massa, na saída do trem, nego virando cadeira o Maracanã, não existe mais e não vai ter. Vão ter, sim, 100 desgarrados lá em Niterói. Mas aí eu levo 1.000 para a sede, 20hs da noite, eu vou falar: “Fica aqui, porque eu vou levar 100 em Niterói, volto 2 horas depois, agora, fiquem aqui, porque eu vou levar 100 em Jacarepaguá”. Não tem como! A culpa não é minha, como não é da torcida organizada! Por que não tem policiamento lá? Por que não tem um esquema organizado, onde sai briga? Eu sei por que eles não sabem.

R.T. – Claro. E as rivalidades, hoje, para os torcedores, permanecem as mesmas? Mudou? O que...

F.C – Não, assim: Diminuiu um pouco. Hoje tem, mas o cara não consegue chegar lá ao outro. Está entendendo?

R.T. – Mas qual é o jogo mais complicado?

F.C – Para a gente, todo o clássico é complicado aqui no Rio. Digamos que 40, 40 e o Botafogo 60. Não em uma conta de 100%, mas um nível de 40, um nível de 40 e um nível de 60. Por conta dessas coisas que a torcida do Botafogo fez com a gente e nunca teve sucesso, é um problema sério.

B.H – Deixa os jogos em Laranjeiras...

F.C – Laranjeiras, Linha vermelha, Juiz de Fora, invasão da sede e sempre não tiveram sucesso. Eu não gosto nem de falar essas coisas, sabe o porquê? Eu não consigo mais falar mal, porque o cara está do meu lado. Parece que eu estou falando mal da família dele, sabe? “Você é meu amigo, mas a sua irmã não presta”. “A tua mãe não presta”. Eu não consigo mais falar mal.

R.T. – Claro, individualmente, não é? Mas em termos de torcida, da relação entre torcidas que digo.

F.C – Tenho, tem. Mas é o que eu estou te falando, por conta da prevenção, do entendimento, da ligação, do GEPE, o cara é brabo, mas o cara não faz nada. O cara fica quicando dentro do Maracanã, quica até em casa, mas não aquele... Ele não tem mais! Ele não tem mais aquela coisa de toda hora, entendeu?

R.T. – E as amizades ou a amizade que se pode dizer que sempre existiu? Tem isso?

F.C – Amizade dentro da torcida?

R.T. – Não. Entre torcidas. De clubes.

F.C – Rivais?

R.T. – É.

F.C – As amizades existem: De bairro, de colégio, tem. Isso leva. A diferença é essa, porque se eu te conheço desde colégio, se eu te conheço da vizinhança, da praia, do futebol, aí acontece o que acontecer, nego está se matando lá e no dia seguinte está sacaneando. O gostoso dessa parada é porque o cara não era meu amigo de infância. O cara não era meu amigo de colégio e não só por ele não ser, como ainda tem histórias negativas ali. Então eu sabia que ele fez mal a um amigo meu em uma determinada situação e, enfim, você vira amigo, amigo, nós quatro somos amigos, doa a quem doer. A gente não tem tempo para viver mais junto até por conta dos outros, que não são. Mas quando a gente está junto, Ftorj e tal, a gente tem um entendimento que a gente não tem dentro da nossa torcida, às vezes. Porque tem, às vezes, situações, que a gente... Dentro da torcida é “olho por olho, dente por dente”, às vezes. Determinadas situações que acontecem que... A gente sempre fala, isso a gente toda hora brinca, “vamos fazer um quinto time ou vamos fazer uma torcida da gente”. Ninguém para a gente! [Risos]. Porque ele é o cabeça para fazer determinada coisa, você é a inteligência para fazer certas coisas, se tem um quinto time, olha... Eu não sei não. Porque é o que eu estou te falando, papai do céu pegou o cara no meio do... “Você”. Juro para você. Impressionante. As pessoas saíram e os que ficaram em pé daquela batalha, porque o cara foi lá e falou assim: “Não, dane-se, não vou a essa porra, não.”. Mas os que ficaram... Olha... Você já conheceu um, não é? Já falou aqui para você, o Gustavo. E ele é até o que menos participa por conta de trabalho. Agora, eu, Zé e o João. E o Gunta e o Fábio, que são os advogados, e a Mica, que é a Camila...

B.H – Ela continua na Raça?

F.C – Na Raça.

B.H –[Ela faz] os dois?

F.C – Todo mundo tem a sua torcida. O Gunta é que virou povão, conhece todo mundo, está lá, grita e tal, mas não se envolve, por conta do trabalho dele. Agora o resto [estão ótimos], Gustavo é o presidente da Fúria. Graças a deus, a gente se entende e os projetos estão acontecendo. E quando acontecer, cria visibilidade, não é? Pintar uma coluna no Lance da Ftorj, tomara que aconteça, pode ser que não aconteça porque está em análise, torcida, enfim, eu não sei. Mas, a gente vai tentar o nosso espaço. A gente já foi convidado para fazer um programa de TV, na TV Boas Novas online, fu convidado para fazer um programa lá. Estão vendo negócio de custo, patrocínio, vamos ver. Um programa de TV eu ia... [Risos].

B.H – E as torcidas tinham peças de arquibancada [para provocar], nos anos 80?

R.T. – É verdade...

F.C – Tinham, tinham. Inclusive tinha as próprias festas de torcida e as bandeiras entravam trocadas, não é? A tia Helena falava que as bandeiras entravam trocadas, até o velho formigão, para quem não conhece o Armando Giesta, as bandeiras entravam trocadas, enfim. Tinha o César [Datove], o Sérgio [Yupe]. Mas depois que criou essa rivalidade e essa rivalidade eu acho que, aqui no Rio, veio com o negócio de baile Funk, sabia?

R.T. – É essa é uma pergunta...

B.H – [Lógico].

F.C – Vem um pouco do baile funk: lado A, lado B. No baile, a gente briga e tem galera. No Maracanã também tem galera, acho que foi por aí, sabe? Eu sou suspeito, porque eu não gosto de funk, então... Mas respeito, eu vivo em uma sociedade, principalmente esse meu mundo, não é, cara? Mas não é uma música que me envolva. Fui ao baile funk três, quatro vezes, a gente tem contato com o [Jason] lá em Jacarepaguá, que tem um camarote lá no Castelo das Pedras, mas eu fui lá três vezes é muito. Ele vai andar com carro de som, domingo mesmo ela vai andar com carro de som. Mas particularmente é um ritmo que eu não gosto. Eu acho que, na frente da torcida, você canta, brinca, mas “vou botar um DVD”, não vou botar funk, sabe? Mas aí é de mim.

J.M. – A última? O Mosaico, vocês que lançaram, como foi?

Voz masculina – É nossa mesmo.

[Risos]

F.C – Você queria perguntar negócio de viagem, não é?

J.M. – É. Pode falar dos dois temas.

F.C – Então vamos lá.

B.H – As alianças das viagens...

F.C – É, vamos falar do Mosaico. O Mosaico foi criado na torcida do Fluminense, mas não foi a torcida do Fluminense que descobriu a pólvora. Isso vem da Europa. Inclusive tem um vídeo na internet da China e do Japão. - Aí está vendo? Imagina se eu digo que foi torcida do Fluminense... [Risos] - No Japão, que é impressionante, porque os caras mudam, eu não sei quantos papéis os caras têm no meio das pernas, porque os caras fazem o mar, fazem um barco passando, muda para um cara fazendo gol, chutando, a bola saindo, muda para um boneco piscando, falando, eu não sei quantos papeizinhos o cara tem ali. Isso está no YouTube. Tem um também da Budweiser, já viu?

B.H – Não.

F.C – Os caras fazem a garrafa, aí vem um abridor, abre a garrafa, sai o abridor, a tampa cai, vem um copo, faz o negócio de cair dentro do copo, o copo vira, fica vazio, é coisa de louco!

R.T. – [Risos]

F.C – Então, assim, o mosaico foi criado pela torcida do Fluminense aqui. Foi feito no Maracanã, os caras tiraram foto do Maracanã, palmearam o Maracanã, mediram os espaços, media o espaço do buraco, contou quantas cadeiras tinham, aí pegou um desenho, fez o jogo da velha no desenho e encaixou naquilo ali.

B.H – O pessoal da Legião?

F.C – Um pouco de cada uma, tinha o pessoal do núcleo de festa no meio também. Mas foi mais ou menos assim: eles fizeram um gabarito do Maracanã, inclusive eu estou até para voltar lá para fazer esse gabarito de novo, porque eu perdi o meu, e aí você faz o que você quer. Você bota foto em cima daquilo ali e recorta no jogo da velha.

J.M. – Entendi.

F.C – Você diz o tamanho da placa, da folha e calcula, é matemática, você calcula, tem espaço, tem aquele espaço de cimento que o cara sobe, você tem que calcular o desenho para ele encaixe no espaço, se não o desenho vai ficar capenga. Por exemplo, o escudo do Fluminense. Você não pode fazer naquele espaço ali, porque se não... Não tem ninguém ali. Quer dizer, até tem em jogo cheio, mas você não pode botar o papel no degrau, tem que botar o papel na cadeira.

J.M. – Entendi.

F.C – Então você tem que pautar ali. Cabem 17 mil pessoas em cada lado, mais 20 na branca, eu acho. É, 17 verde e amarela... A amarela é menor. E eu acho que cada buraco... Sabe aquele buraco?

J.M. – Sei.

F.C – Que as pessoas entram?

J.M. – Sei.

F.C – O buraco que você entra, a rampa.

J.M. – Sei, sei.

F.C – Eu acho que cada buraco daquele ali, cabe 800 e poucas pessoas. Por isso que eu tenho que ir lá de novo, porque eu tenho que fazer esse cálculo que eu perdi. Pedi uma autorização ao GEPE, vou lá um dia de semana e tiro foto. Vou palmear aquilo ali... Mas é basicamente por aí. E as questões das viagens...

J.M. – Você falou um pouco Rio e São Paulo. Eu queria saber Nordeste, sul?

F.C – É. Estávamos falando em off, não é? Quando viaja em caravana, cinco, seis, dez, dois ônibus, três ônibus, é mais problemático. Teve uma passagem uma vez, até interessante, estávamos indo para São Paulo, tínhamos contato com os caras da Gaviões, e assim, podia o mundo pegar fogo porque estava todo mundo na estrada. A gente está indo para Gaviões, a Mancha estava vindo para Força e a Independente vindo para o Flamengo.

R.T. – Que conjunção de fatores... [Risos]

F.C – Era um dia para pegar fogo! Como a gente tinha o contato da Gaviões, a gente falou assim: “Vamos sair à meia noite para chegar lá de manhã, fazer um churrasco, jogar uma bola, antes do circo pegar fogo. Fomos. Quando chegou em Queluz, divisa, quem não conhece, do Rio com São Paulo, paramos para comer, estava clareando, porque a gente nunca

sai no horário. Umas quatro horas de chão mais ou menos, devia estar clareando. Paramos em um lugar com dois ônibus para tomar café. Aí você já viu, não é? Nego correndo com pão na estrada, outro com pacote de biscoito. Aí o cara ligou para rodoviária e falou: “Oh, vão passar dois ônibus aí, tem uma conta aqui para pagar, segura os caras, os caras vão ter que pagar”. Chegou na rodoviária, o cara encostou e falou: “Não quero nada, estou com dor de cabeça, mas tem uma conta lá, vamos pagar, senão eu não vou liberar vocês”. “Então, está bom”. Ligou para o cara, era R\$61 reais. Cata daqui, cata dali. A gente brinca que é igual o Carandiru. O Carandiru, o cara fala: “sumiu a faca da cozinha”. Aí o cara: “Vou virar as costas, a faca vai aparecer”. [Risos]. Lá é a mesma coisa, “vou virar as costas, eu quero R\$61 reais”. [Risos]. Ou então quando some um celular, vem um celular escorregando no chão “tchiii”. [Risos]. A gente faz o nosso papel, ninguém reclama com ninguém, pune ninguém, apareceu, não é? Aí eu quis deixar o dinheiro com o cara. O cara falou: “Não, eu sou policial, não posso pegar dinheiro. Vou ligar para o cara”. Eu falei: “Tudo bem”. Estava clareando, estava cedo. Quando eu olhei para polícia rodoviária, a cabine estava em obra, o cara estava em uma lona de campana de exército e tinha um morro de madeira, um morro de pedra, morro de areia, eu falei: “Olha só, estão vindo a Independente e a Mancha, o senhor vai me prender aqui?” “Eu quero que se dane, estou de plantão.” O cara nada de chegar, da parada. O cara demorou meia hora, quarenta minutos e eu já mirando: “Tem um mato aqui, um morro ali, um morro aqui”. Porque não ia dar, a gente estava com dois ônibus, eu sabia que os caras estavam vindo pesados. Aí o bendito cara chegou lá, contou, maior mal humorado. Fomos embora. Nós pegamos uma reta e assim: 200 metros, eu lembro como se fosse hoje. Viramos à esquerda na estrada, viramos a direita, vimos 12 ônibus da independência. 12 ônibus! Não ia ficar ninguém. Com aquilo tudo que estava ali na rodoviária? Pau, pedra, areia, cascalho, que nego demoliu a cabine.

J.M. – E a polícia e a torcida...

F.C – A polícia, a torcida, ia todo mundo, nego ia voltar correndo para o Rio. Não ia ser melhor, nem pior, nem apanhar, nem bater, mas, naquelas circunstâncias de dois ônibus para 12? Nem que tivesse 40 Hulks ali. Entendeu? Então são episódios assim - como a gente

estava falando aqui do Maranhão, indo com três, quatro – é perigoso, vai a um lugar que você não conhece? Faixa, rivalidade... Mas não tem coisa igual. Não tem coisa igual. Fluminense e Juventude, Copa do Brasil, o Juventude do Mato Grosso do Sul. Nós chegamos na rodoviária, com mochilinha, aquela cara de carente, três cabeças, aí eu falei para o cara: “Ô, irmão, a gente veio para jogo, arruma um albergue aí, um pela porco aí para a gente dormir, deixar a mochila, só para dormir.” O cara: “Não, tem um hotelzinho ali que é barato, eu levo sempre um pessoal.” Chegamos lá: “Só uma diária, nós viemos para o jogo, estamos todo fantasiados...”. A mulher falou: “Vocês vieram para o jogo? O jogo do Fluminense e Juventude?” Eu falei: “É.”. Ela: “Porque o Juventude está aqui!”. Eu falei: “Aqui? Nesse hotel?” [Risos] Por que, sabe? Era um negócio... O que acontece? O Juventude lá não é um time de ponta. Lá é um misto, lá tem o outro lá, não sei qual é. O Juventude é, guardando as devidas proporções, Olaria, Friburguense. O cara foi segundo no estadual e pegou a Copa do Brasil. Aí fomos tomar banho, descemos para jantar. Quando a gente desceu para jantar, só tinha uma mesa de madeira, a delegação toda do Juventude lá! [Risos] Eu, por menos, comecei a sacanear: “Olha só, vocês deixam o endereço de vocês”, porque tinha aquela coisa de você ganhar de 2 a 0 fora de casa, você não tinha o segundo jogo. Então eu chegava para os caras e falava assim: “Você deixa o endereço porque eu vou mandar um cartão postal do Rio para você”. [Risos] E o cara falava: “Ah, tricolor, você vai ver! Você está pensando aqui é o quê? O Flamengo? O Vasco? Não, não é não.” Eu falei: “Quer que eu te conte como é Copacabana? Tem areia, um calçadão”. Eu fiz aquele desenho assim, eu ficava sacaneando os caras, não é? Brincando e falando e sacaneando. No dia seguinte, descemos para o café – porque a gente ia passar o dia no hotel do Fluminense, filar o almoço, ficar lá para ver ingresso – os caras estavam tomando café: “Cuidado, hein? Olha só, eu vou pedir para os caras fazerem só três. De repente, dois.” “Não machuca os caras não, hein? Pelo amor de deus, tem carioca”. E fomos embora. Fomos ao estádio, você sabe quanto foi o jogo? Sabe? 4 a 2, os caras. [Risos].

J.M. – Vocês não voltaram para o hotel não, não é?

F.C – Não. Fomos jantar no hotel do Fluminense.

J.M. – Muito bom.

F.C – Chegamos às 2 horas da manhã. O jogo foi à noite, terminou tarde. Jantamos no hotel do Fluminense fomos para o hotel devagarzinho e fomos dormir. Para você ter ideia do hotel, o quarto tinha três camas de solteiro, um ventilador em cima da do meio, gente fez porrinha para pegar o ventilador, fez zerinho ou 1. E um banheiro que não tinha box! Sabe aquele... Você está sentado no vaso embaixo do chuveiro? [Risos] e tinha um rodo com pano, que você botava na beira da porta para não cair água no quarto. [Risos]. Aquele silêncio, hora de dormir, daqui a pouco: “Acorda!” Na porta do quarto! Quando a gente abriu a porta do quarto, não tinha ninguém. A gente só escutava as portas “tá, tá, tá”. Aí começamos a falar um monte de besteira e começamos a dormir. Fizemos isso quatro vezes de meia em meia hora! Na quarta, eu falei assim: “Agora, eu não durmo mais”. Fiquei atrás da porta com rodo na mão, o cara com aquele pano na mão cheio de água, o outro com a mão na maçaneta. “Aí, tricolor”, batemos em todo mundo, saía dando rodada no corredor, os caras: “Estou brincando”. O cara vinha com pano molhado! Fomos expulsos do hotel 4:30 da manhã! A mulher falou que ou a gente saía ou ela ia chamar a polícia. Vai para onde? Ficamos na porta do hotel do Fluminense, porque o cara não queria deixar a gente entrar, porque o voo era só no dia seguinte, quer dizer, durante aquele dia, não é? Papo vai, papo vem, a gente teve que tirar a camisa da Young, entrar pela entrada de serviço porque o cozinheiro disse que o pai dele era tricolor, para variar, mas não custava nada, aí ficamos na cozinha. O cara preparava o café, a gente ficava beliscando. Quando os caras descem, todo amarrotado, a gente está dormindo no sofá do hotel – era um hotel bacana, o deles era bacana, tinha um sofá, um hall. Dormimos no hall do hotel, os caras ficaram desesperados com a gente. “Vamos ficar aqui porque deu besteira”. “Sabia que vocês iam fazer besteira!” Pegamos uma carona para o aeroporto. O voo dos caras era cedo, o nosso era bem tarde. Era tarde da tarde e a gente ficou no aeroporto dormindo, aquela coisa de guerrilha, um de costas para o outro, olhando para ver se não chegava ninguém para sacanear a gente. Tem várias histórias, várias histórias...

B.H – Você falou que chegou a viajar para fora do Brasil, alguma relação com uma torcida da Argentina? Como foi isso?

F.C – Isso é legal falar, foi até bem lembrado. Quando a gente foi jogar na Libertadores com o Boca pela Copa do Brasil na Libertadores, a gente chegou lá sem pai, sem mãe e foi uma galera grande.

B.H – Tipo?

F.C – Tipo... Lá tinham 1.000 pessoas torcidas do Fluminense. E o estádio não foi o do Boca, foi o do Rosário, porque o do Boca estava fechado. Foi sem pai, sem mãe. Aí fomos conhecer... Eu não sei se alguém foi conhecer o estádio do Vélez ou se os caras do Vélez procurou a gente. Eu sei que pintou uns caras do Vélez lá, nós fomos parar dentro do estádio dos caras. Conhecemos boutique, os caras deram camisa... Por quê? Porque, para quem não sabe, o Vélez fez um torneio – eu não sei se foi aqui no Brasil ou se foi na Europa – no qual o Fluminense estava. E os caras ficaram sem uniforme para jogar, eu não sei se a bagagem extraviou, se o uniforme deles era o uniforme do time que eles iam jogar, eu sei que o Fluminense pegou a camisa e deu para eles jogarem. Eu acho que o uniforme dos caras sumiu na competição, enfim, não chegou. E os caras ficaram com uma dívida de gratidão. Chega lá no Vélez e fala “Fluminense”, os caras te pegam no colo. E a gente não sabia, fomos sem maldade. Os caras começaram a vestir a gente. O Vélez criou e a terceira camisa tricolor igual o Fluminense. Incorporou o verde e o grená na cor do Vélez. E a gente não sabia disso, muita gente não sabia, porque isso é de muito tempo atrás. E os caras “Não, vocês estão precisando, comem aqui”. Nego, começou a ir para casa dos caras comer! [Risos]. E foram comer no clube. Aí o cara falou: “Ué, é feio a ida até o estádio” – acho que foi o do Rosário – “é feio até lá”. Arrumaram ônibus! Arrumaram instrumento! E levaram a gente para a torcida do estádio “por aqui, por ali”. Falaram com a polícia. Teve uma hora que estava engarrafado, a gente parou o ônibus que eles arrumaram e fomos andando. Os caras foram na frente. No dia seguinte, tinha gente que queria ficar lá, ficou na casa de um, na casa de outro, conheceu

família e, assim, a gente foi para lá desarmado para isso. Criou-se uma amizade muito grande, aí os caras explicaram essa situação, “eu sempre gostava do Fluminense”, que tem respeito pelo fluminense, acompanham o Fluminense. Tinha gente que tinha recorte de jornal com negócio do Fluminense. Coisas que eles guardaram. Bandeira bem parecida com a nossa, que eles faziam horizontal... E a gente: “Não, a gente quer abraçar esses caras.” Tinha um cara, que era o monitor [inaudível], era diretor de uma área, que a mulher dele é prima do Conca. Aí o cara se identificou, “Não, o Conca”, não sei o quê... Resumindo, hoje, um da Young é padrinho de um filho dele, ele veio para cá, o cara já arrumou emprego para ele aqui. Enfim, nós criamos o trigésimo quarto núcleo: Núcleo Buenos Aires, ele fez material da Young lá, Young Flu Buenos Aires. O Vélez fez bandeiras, umas quatro ou cinco: “Amizade eterna. Nunca terá fim. Young Flu e Vélez”. Porque lá eles têm a [Lapandia], mas eles não têm essa coisa de Young Flu, torcida Jovem... É Vélez. Então, eles não tinham esse escudo para botar. Fizeram amizade, fizeram aqueles dois V’s, que é o símbolo que eles têm aqui assim do Vélez da cor tricolor botaram. Entram em campo com a bandeira, clássico assim. Eles querem sacanear, os caras entram em campo – porque lá pode, os caras entram de lá, de cá. O Vélez foi jogar Libertadores, foi jogar a Sul-americana, foi para Quito, foram para não sei onde, Bolívia... Levou a bandeirinha Young Flu, presente, os caras faziam pela gente, coisa que a gente não fazia pelos outros. E isso criou uma amizade muito grande. Os caras vieram com 10, 15 pessoas nas nossas festas. Em jogo importante, os caras aparecem aqui, trazem materiais, vendem materiais e trouxe o presidente da torcida para cá. Trouxe diretor do Vélez. Então se criou uma amizade muito grande. Levou-os ao Fluminense, fez o presidente os conhecer, falar, conversar, deu camisa do Fluminense, então se criou uma amizade muito forte! Os caras vêm para cá de dois em dois meses, de três em três meses, os caras enfrentam. Vem de ônibus! Quando o jogo é importante, uma coisa assim, decisão de Libertadores, Sul-americana, enfim, aniversário da torcida, então criou essa amizade. Hoje, tem um núcleo nosso lá, mas que tem cinco, seis, sete, dez brasileiros. O resto são eles. E todo o suporte de sul-americana eles dão. Até porque eles falam espanhol, castelhano e a gente não fala. Então, se é para Paraguai, não sei o quê, os caras dão um jeito de ir. E tem também - que é importante falar para não ser injusto – a Flu Uruguai. E a Flu Uruguai são apaixonados, uruguaios, que são Fluminenses, não me pergunte o porquê! [Risos]. Mas eles são Fluminense! Eles não são Peñarol, Nacional e gostam do Fluminense. Eles são Fluminense, 122 pessoas catalogadas! Os caras têm faixa: “Flu Uruguai”, “Paixão sem

fronteiras”. Se você catar no Lance aí, tem reportagem deles aqui nesses últimos jogos, Sul-americano. Eles vão para todos os jogos no sul. Sul do país, eles estão em todos. Fluminense e Grêmio, eles fecharam um ônibus! Agora, 15, 20 dias atrás. A gente está catalogando, está abrindo um núcleo da Young lá, está trazendo essa galera para Young, porque eles são malucos! Malucos! De vez em quando aparece: “Hermanos, estamos em Rio de Janeiro”. Vieram para cá! Ver um jogo qualquer desses aí: Fluminense e Friburguense. Um treco desses. São dois irmãos: Javier [Alegnani], Francisco [Alegnani], o outro Daniel [Acre], que são os três que comandam lá, que criaram. Tem time de futebol, jogam em ligas lá de futebol society. Criaram um escudo com o sol do Uruguai dentro do escudo do Fluminense e botaram “tricolor”. São malucos! Muito mais do que muito nego aqui, que mora ao lado do Maracanã, que é Fluminense. É importante frisar isso, sabe? E tem uma colônia de uma família no Japão também. Tem uma galera dos Estados Unidos. Tem a Sampa Flu, é aqui pertinho, mas é uma galera de 300, 400 pessoas, de um nível econômico muito alto, são CEO de empresas, management, essas coisas de multinacionais. A própria Ambev, toda a diretoria é tricolor. Enfim, em São Paulo é essa galera mais elite.

B.H – O seu Armando – não o Giesta – o Armandão, o primeiro, ele foi a São Paulo...?

F.C – Ele não participa mais. Inclusive ele perdeu até um irmão há uns dois ou três anos, que era outro Armandão. Paulo Cesar Pedruco morreu. Tem o seu Armando remanescente, 84 anos, andando para lá e para cá, lúcido. Se você botar a mão nele, ele fala: “Eu estou aleijado?” E vive caindo, porque ele tem um problema de hérnia e a perninha dele é meio presa. Ele anda meio assim, então qualquer calçada que ele medir errado, ele cai. Aí vira e mexe: “Não, caí ali”. A gente até brinca: “Tomou um pau, não é velho?”. “Te pegaram na rua?” [Risos]. 84 anos! Está no Maracanã xingando. Está dentro do Fluminense participando de movimento político. Só que agora, coitado, agora está rateando. Mas está lúcido, enfim, ele quer, mas não consegue.

[FINAL DO ARQUIVO 3]

B.H – Estávamos falando das alianças, e como foi essa com o Guarani, com o Paraná que o Fluminense mantém?

F.C – É assim: Tem aliadas e respeitos. As aliadas são as torcidas do Guarani e do Paraná, são o que a gente chama de irmandade. Se uma vai jogar em um jogo perigoso, nego sai e vai lá. Se vai jogar aqui, a gente está presente. Teve um episódio agora, em que teve um problema com a torcida do Paraná com a torcida do Bahia, no Paraná. No jogo de volta, nós saímos do Rio, os caras saíram de Campinas e foram para Bahia.

B.H – Na hora que você fala “você”...

F.C – A Young. Não, eu não pude ir por conta de trabalho, mas quem pode...

B.H – Mas você iria?

F.C – Iria. Para um jogo na Bahia, do Paraná? E tem uns respeitos, que são aliadas, que não tem briga, mas que não entra no nosso dia a dia. Os caras são do nosso dia a dia. E a do Vélez também, que tem essa irmandade, essa coisa assim. Mas no Brasil, tem a do Fluminense de Feira de Santana; Tem alguma coisa do Jundiaí, do Paulista, que agora não é mais paulista é Jundiaí. Jundiaí, não é?

J.M. – É, acho que é Jundiaí. Já virou [inaudível].

F.C – É, paulista de Jundiaí. Uns caras da Fúria Marcilista, do Marcílio Dias, Santa Catarina. Tinha a Super Raça do Grêmio, mas a diretoria se afastou, entrou uma galera nova. Tem a

Camisa 12 e a Pavilhão 9 do Corinthians, que tem certo entendimento. Tem uma amizade pessoal com muita gente da Gaviões, mas a Gaviões, hoje, é aliada à Fúria, então... Você não consegue chegar perto, os caras chegam ao Rio, tem os caras da Fúria. Então você não consegue nem chegar perto. O que mais? Para não esquecer.

B.H – Então isso varia de diretoria a diretoria, não é?

F.C – Os respeitos sim. As irmandades não. As irmandades: Guarani, Paraná e agora Vélez, já há 12 anos. Essas aí são... Pelo contrário, a Fúria Independente do Guarani tem 15 anos, a amizade tem 20.

B.H – [A Fúria Independente] do Paraná?

F.C – Não, a do Guarani. Ela tem 15 anos e a amizade tem 20, tem 18. Porque era Guerreiros dos Bugres e [Bugrinho] da Capital. Elas se fundiram e fizeram a Fúria. Para você entender. A do Paraná, não. A do Paraná, eu acho que tem... Porque Paraná não era Paraná, não é? Era...

B.H - Pinheiros e Colorado.

F. C - Pinheiros e Colorado. Então tudo é novo, como o Grêmio Prudente agora. Eles mesmos não tem muito tempo. É até burrice de eles terem o mesmo nome, não é?

B.H – E com a Gaviões chegou a ter, eu me lembro de ter faixa, por ter algum desentendimento e aí...

F.C – Teve, teve. Em um jogo grande, o que acontece? Eles também não seguraram todo mundo, não é? E eles são muito grandes. Nós somos grandes, Flamengo, mas eles são demais. Então, teve um jogo aqui, uma semifinal de brasileiro, eu não lembro o ano, sou ruim de data, mas foi aquele em que o Romário fez um gol de pênalti e o Guilherme perdeu um pênalti. Foi 1 a 0. Tem 10 anos isso? Tem menos. Os caras tomaram o Maracanã, não tinha onde parar ônibus e a gente muito grande também. E, assim, a amizade era com a Young, não era com a Força Flu, não era com a Garra, não era com a Fiel e por aí vai. Então os caras brigaram. Para onde você olhava, tinha Urubu preto. Então, não deu para controlar e tinha muita gente da Young também que não gostavam dos caras, assim como tinha nego da Gaviões que não gostaram, porque eu lembro de, muitas vezes, a gente encostar o ônibus de manhã e fazer churrasco, fazer cachorro quente, macarronada. E jogava bola. No futebol, sempre saíam umas porradas. Nego usava o futebol para... Aí nego: “Que isso! Está maluco? Futebol! Futebol! Futebol!”. Mas nego olhava meio torto. Eu sempre senti isso. Não é nem Fluminense, mas é porque estão acima do bem e do mal e não é assim, não é? Ainda acho que... Enfim, podem tudo, então... E aí houve uma briga “Não, que isso, é melhor deixar para lá. Vocês podem vir para cá e nego pode querer fazer alguma coisa”. Eles colaram com o Botafogo. Meses depois...

B.H – Você falou de São Paulo. Em geral, se fala de São Paulo como modelo. Essa ideia de ir com samba, existe alguma possibilidade...

F.C – Impossível.

B.H – Impossível.

F.C – Aqui no Rio é impossível.

B.H – Pela estrutura do samba, das Ligas e tal...

F.C – Eu quero continuar vivo.

B.H - Rosana – [Risos]

F.C – Lá o samba era fraco, o samba não era esse profissionalismo, não tinha essa coisa de patrocínio, então...

B.H – [Inaudível]

F.C – É. Faltava escola de samba, “bota o bloco aí”. Tanto é que a Gaviões virou bloco, virou não sei o quê, virou escola de samba! A Mancha era bloco, do segundo grupo e “bum” explodiu. Então se criou até uma Liga de Escola de Samba de torcida organizada em São Paulo. É que não deu certo, não teve patrocínio, ninguém quis apoiar. Mas a Fúria e a Independente - eu tenho camisa, que eles me deram do Guarani, Unidos do brinco de ouro -, queriam fazer um desfile em um dia especial, em outro dia. Mas não teve patrocínio, negócio de briga, nego achou que no final era melhor não. Todo mundo junto, imagina? E se estanca um porradeiro, filho? Imagina? E todos os carros na mesma concentração? [Risos]. Acabava São Paulo!

R.T. – São Paulo já deu problema, não sei se foi na Mancha...

F.C – E foi até um problema... Deu problema no primeiro ano. Esse ano aconteceu até uma coisa engraçada. No desfile das campeãs, eles sempre botam a Mancha em um dia, a Gaviões no outro. Mas no desfile das campeãs, uma foi quarta e outra foi quinta. [Risos].

B.H – É uma operação também.

F.C – Aí os caras fizeram o seguinte: Botaram quinto, sexto, quarto. [Risos].

R.T. – Sexto e quarto! [Risos]. Serdan.

F.C - Para dividir. O [inaudível] quicou, o Serdan estava me falando ontem: “Isso aqui é Escola de Samba! O preconceito vem de vocês, vocês estão fazendo a coisa borbulhar. Se tu põe direito, nego não briga.” Os caras falaram no microfone, na hora do esquentar ao vivo em TV. Os próprios caras: “Isso é samba, não é futebol!” Rasgaram. Eles estão certos. Não deram oportunidade para os caras se desentenderem. E aqui no Rio, não. O samba é profissional desde que eu me entendo por gente. Grandes patrocínios, grandes estruturas, o jogo do bicho, é tradicional. Não é segredo para ninguém. Então, quer dizer, o que a gente faz aqui no Rio é segregar uma escola. A gente teve muito contato com o Farid, com a Beija-Flor, tinha camarote, ala, fantasia...

B.H – Vocês têm uma bandeira da Beija Flor...

F.C – Tem, até hoje. Por ser longe, Nilópolis é distante, não dá para acompanhar e tal, aí a coisa esfriou, não é que acabou. Ele ajudou na compra da sede, nós participamos da campanha política do Ricardo Abraão, elegemos Ricardo Abraão, deputado estadual. E aí esfriou. Mudou a diretoria daqui, o pessoal não procurou muito. Entrou uma diretoria em que

a grande maioria é de Vila Isabel, mudança também de presidente na Vila Isabel, lá era o Bocão, que foi presidente da Raça. Mas depois entrou o Moisés, que é tricolor e sócio do Fluminense. Ele falou: “Vamos lá à quadra”, o filho dele, muita amizade, era amigo desse pessoal de Vila Isabel, porque era em Vila Isabel que o pessoal desfilava, frequentava a quadra. Criou-se um vínculo muito grande e hoje a gente tem muita coisa junto à Vila Isabel: Camarote, ala, fazemos parte da harmonia da escola, desfilamos todo ano, as mulheres tem sempre uma fantasia para desfilarmos, desfilamos em 20 pessoas na harmonia ajudando, camarote, show... Ele ajuda, às vezes, em festa de torcida. A gente faz a festa, ele cedia a bateria. Tem um bom contato. Mas é só. É meu amigo até a página 2. [Risos]. É isso? Tem mais alguma coisa?

B.H – Para fechar, até quando você pensa em ficar na diretoria da Young e se você imagina algum dia, deixar a torcida e o estádio?

F.C – Não. Você me conheceu aqui, pede tudo menos isso. Eu falei aqui: Não consigo ver jogo de Fluminense de Maracanã em casa. Não dá. Eu não sei nem como falar, mas eu me sinto impotente! Eu não estou fazendo nada, eu não consigo ajudar, porque ele precisa de mim! Em relação ao Fluminense isso. Estou falando do time, por enquanto. Parece que o Fluminense precisa de mim, eu não consigo ficar quieto, eu não consigo me ver... Claro, aquele jogo em Brasília, quarta-feira, às 9:50min. Eu tenho reunião, eu tenho trabalho, tudo bem. Mas quando dá para ir, eu pego a ponte e vou. Nem que eu chegue às 5 ou 6 horas da manhã, e trabalhar. Não vou de manhã porque lá na produtora tem que ter essa facilidade. De repente eu nem vou, mas aí eu acumulo para o dia seguinte, levo trabalho para casa, enfim. Então eu não me vejo longe do Fluminense, principalmente da vida do Fluminense, porque eu acho meio ilusão o cara falar assim: “Eu sou torcedor, agora eu vou saber tudo de Fluminense, eu vou comprar o Lance, o Extra, ler o Globo Esporte.com”. Não é assim! Se você não tiver dentro do Fluminense... Claro, se você não tiver como, tudo bem. Mas eu entendo que o que sai no jornal é um ponto de vista. O jogador pode dar um chute ao gol, a bola passar por cima da trave, passou a 5 metros e o cara falar: “tirou um risco da trave”. Eu acho que a imprensa é assim. O cara dá um pouco de opinião, muitas vezes tendenciosa, fala

o que quer e o que convém. A gente já teve caso assim dentro do Fluminense, em que a gente teve que botar repórter para fora, porque estava uma porrada atrás da outra e é demais. Quer dizer, eu quero saber do Fluminense, dentro do Fluminense. Essa, eu acho, é a única forma. Outra coisa é a vida política do Fluminense. Hoje eu posso fazer, eu posso mudar, eu posso participar, eu posso fazer parte daquilo ali. Então, imagina você estar dentro da vida do dia a dia do seu clube? A sua paixão. Ainda estou muito por baixo, não é que “Ah, eu quero ser presidente”. Não! Mas eu quero participar. Pelo menos que o cara me pergunte: “Vem cá, quanto vocês precisam para tal lugar?” Pelo menos, isso. “Dá para entrar em tal lugar em tal estádio?” “O que você acha de colocar um mascote assim?” Pelo menos isso! E a Young Flu, cara? Não dá!

R.T. – [Risos].

F.C – Não dá!

R.T. – É a base, ali. [Risos].

F.C – Sabe o porquê? Porque ali, o cara ganha pouco, o cara tem problema, a família é doente. E junta o preto, o branco, o japonês, o rico, o pobre, o estudioso, o burro por uma coisa só. E ali ele desliga todos aqueles problemas que ele tem, todas aquelas dificuldades do dia-a-dia e é o momento de alegria dele. Eu até me emociono para falar isso, porque eu não consigo me ver fora da Young. Faz-se uma família! A gente nem gosta de falar família, porque há a Família do Vasco, não é? Força Jovem.

R.T. – Isso que eu ia falar... [Risos].

F.C – Se eu falar família, nego: “UUhhh”. Mas é uma família! Você está no réveillon, no Natal, junto com o cara, dia das mães, dia dos pais, momentos bons, momentos ruins... A gente olha as fotos: “Eu era criança!” “Olha você aqui com cabelo!”. Envolve família, a tua mulher conhece a minha, eu sou padrinho do teu filho, sabe? Quem é, não sai. A torcida gira, mas tem meia dúzia de 100, de 50 que não saem. O cara está velho, o cara perde o irmão, mas não sai. Então, não é a Young Flu para mim, porque a Young Flu é para mim. Mas a torcida como um todo, todas elas, tem os seus problemas: A roubalheira, tem a sua violência, tem as pessoas de bom caráter, de mal caráter, mas no fundo, no fundo, no fundo, está todo mundo ali por uma causa só. Está todo mundo ali unido fazendo uma festa, uma comemoração por uma coisa que está muito mais acima, que é o Fluminense. Seja Flamengo, Vasco, para quem for. Então, eu não me vejo nunca fora de torcida organizada. Às vezes, eu encontro amigo e falo: “você ainda está lá?” “Não, casei, estou com filho”, “Passei em um concurso”. Eu falei: “E daí?” Eu não consigo viver fora. E eu acho que assim funciona em todas as torcidas. Eu não tenho o conhecimento profundo dos outros clubes. Pode ser que isso seja só no Fluminense, não sei. Mas você comemorar um título, um gol ou então conseguir dar a volta por cima de uma situação difícil como foi no ano passado, e saber que você saiu daqui e ficou 15 horas dentro do ônibus, tomou porrada de polícia, passou fome, foi hostilizado, ganhou pedrada e falar: “Não, mas eu venci.” “Valeu à pena.” Sabe? Não tem preço! Não tem emoção maior... Claro que não é... Cada um tem a coisa que se emociona, que gosta, a sua paixão, enfim, *n* coisas. Tem gente que não gosta nem de futebol, mas eu acho que futebol, como eu vi uma vez em uma loja: “Brasileiro não nasce, entra em campo.” [Risos]. É verdade, cara! Tem aquela história do baiano: “Ele não nasce, ele sobe no palco”. [Risos].

J.M. – Estreia, estreia.

R.T. - Estreia.

F.C – É. Eu acho que é assim, tu não nasce, tu entra em campo. Eu não me vejo fora de torcida organizada. Quer, quer, não quer, mete o pé. A minha vida é essa. Eu também não me

vejo por conta de filho. A minha mãe ficou internada um mês, câncer no cérebro. Eu só consegui falar com a minha mãe duas vezes em um mês de internação. Eu fui visitá-la no dia anterior, no sábado, eu vi o peito dela [som simulando dificuldade para respirar] fazendo isso, eu sabia que ela estava... O médico já me falou: “Ela vai ter falência múltipla dos órgãos, não vou te iludir”. Eu já sabia que o fim estava próximo. Eu estava subindo a rampa de um Fla-Flu: “Seu Flávio, aqui é da clínica tal...” Eu falei: “A minha mãe morreu, não é?” Ele: “É. Infelizmente, aconteceu. Você pode trazer alguns documentos dela, providenciar tudo, a gente está aqui no plantão, fica à vontade. Quer que eu ligue para alguém?” Eu estava subindo com um amigo meu, o Marcelo Fagundes, aí eu bati no peito. Ele escutou eu falar: “Morreu?” E ele ficou assustado. Eu falei: “Irmão, falta cinco minutos para começar o jogo”. Eu subi correndo com ele, ele falou: “Está maluco?” “Ela já morreu, bicho.” Se ele falasse: “Corre aqui porque não tem respiração e você precisa fazer boca a boca, eu corria.” Aí eu vi o jogo e fui lá. Eu faço questão de cuidar de tudo. Eu fiz questão, porque eu fiz assim com a minha avó, porque foi a pessoa que me criou. A minha mãe sempre trabalhou e minha avó tinha duas hérnias por me carregar no colo com 9 anos e 44 quilos com crise de bronquite. Eu me senti no direito: “Não. É o que eu tenho que fazer”. Eu troquei a minha avó, limpei a minha avó. O cara da funerária não tocou nela, porque eu falava: “Me dá a rosa?” Eu enfeitava. “Me dá não sei o quê”. Enfeitava. “A maquiagem”. Eu passava. Eu fiz tudo, eu fiz questão de fazer. E eu fiz a mesma coisa com a minha mãe. Eu contratei tudo e o cara ficou olhando. Ele só me ajudou a pegar o caixão. Porque eu acho que eu devia fazer, por tudo o que elas fizeram por mim.

O meu avô não, porque eu era muito moleque, não tinha muita noção. Mas a minha avó, que foi em 98. E a minha mãe, que foi 2008, inclusive nesse mês, dia 31, faz dois anos, eu me senti no direito disso. [Eu falei para o cara: “Só não mete a mão.”]. Eu limpei, eu troquei, é duro chegar e ver a minha mãe embalada parecendo um pacote de biscoito. Eu tirei, abri, limpei, tirei a tal da fralda, limpei e maquiei. Eu fiz a mesma coisa. Mas é o tal negócio, o que ia adiantar eu sair correndo? Então pesou. Se eu não desse tanta importância para Young, tanta importância para o futebol, eu não tinha nem ido ao jogo. Foi o único dia em que eu não fui vê-la, porque naquele mês sempre calhou do jogo dar tempo, porque a visita era às 3 horas. Eu ia, saía correndo para o jogo, chegava antes, chegava um pouco atrasado. O jogo de fora, não precisava ir e nesse dia como era clássico, tem que estar na sede 10, 11, 12

horas no máximo. Eu não pude ir. Eu mandei o meu primo e a esposa dele. Ela até ligou para mim antes e falou: “Está tudo a mesma coisa, ela não está bem, não”. Eu falei: “Não, tudo bem.” Foi o único dia em que eu não fui ver em 30 dias, em 27 dias. É para você ver até onde vai a minha paixão. Eu tenho consciência limpa porque eu não larguei a minha mãe. A minha mãe não ficou passando mal em casa. Ela estava no CTI, que nem eu podia estar lá. Então eu tenho a consciência tranquila, mas para você ver até onde vai a paixão. Eu acho que isso resume um pouco tudo o que eu sinto. Fluminense e Young Flu.

B.H – Então, quase às 18 e 40 minutos desta noite de 20 de agosto, encerramos o depoimento de Flávio Martins.

F.C – [Inaudível]

R.T. – [Risos]

B.H – E amigo, ali fora.

F.C – O Zé, coitadinho...

B.H – Eu queria te agradecer, Frajola.

F.C – Obrigado. Eu acho que é importante isso para, cada vez mais, a gente tirar essa coisa de torcida... Parece que é um bando de bicho preso na gaiola, sabe? Que não tem vida, que não tem vida social, que não tem opinião. Enfim, tem problemas? Tem. Eu não estou aqui defendendo ninguém, nem a mim mesmo porque eu já fiz besteira, enfim, mas, deixar a

torcida falar seja em depoimento, seja em pesquisa, seja na TV, estatuto do torcedor, deixar a torcida falar. Mostrar que não é o grande problema da coisa. Por que é problema? É. Mas não é o fim do mundo, não é o grande problema do futebol, as torcidas organizadas, não. E eu acho importante, agradeço mais uma vez e estamos aí. Se vocês precisarem fazer mais alguma coisa. Se quiserem ajuda para algum trabalho, enfim, enquanto Ftorj, enquanto Young Flu, porque...

B.H – É o início ainda...

R.T. – É. Com certeza.

B.H – Vamos fazer uma troca. [Riso].

F.C – Obrigado, gente.

[FINAL DO DEPOIMENTO]